

AUTORES & LIVROS

11-5-1942 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
Ano 11 publicado semanalmente, sob a direção de Mário
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

NOTÍCIA SOBRE AFONSO ARINOS

Afonso Arinos de Melo nasceu em Paracatu, cidade do Minho, em 1 de dezembro de 1853. Era o primeiro filho de Virgílio de Melo que, no tempo do nascimento da criança, exercia o cargo de promotor do município, e sua Leopoldina de Melo sua família, do lado paterno, era de origem portuguesa. Sua família, do lado materno, era portuguesa. Ele contava entre os parentes o poeta Francisco de Melo Franco, autor do "São da Estupidez", um dos primeiros poemas satíricos que o Brasil produziu.

Em 1853, Afonso Arinos faleceu em Paracatu, sendo levado para a capital do país, onde viveu com o professor Joaquim Fernandes os estudos primários, já iniciados em Paracatu com Manuel Caldeira Braga. Aos 13 anos foi matriculado no Colégio do Círculo Cultural Machado, em São João del Rei, tendo sido arquivado pelo reitor D. Pedro II, que fez a cidade inaugurar a ferrovia de ferro Oeste de Minas, demonstrando um sólido conhecimento dessa língua, embora fosse o mais moço dos alunos da classe.

Em 1863 vinha para o Rio de Janeiro, para terminar os estudos no Ateneu Fluminense. Foi depois para São Paulo, em cuja Faculdade de Direito se matriculou, tendo terminado o curso em 1869. Tinha 21 anos, quando partiu para Minas Gerais, para se fixar em Ouro Preto. Inscreveu-se então em um concurso que se abria no Liceu Mineiro, para professor de História do Brasil, tendo obtido a cadeira. Pouco depois, tentava, juntamente com outros amigos, a ideia da fundação de uma Faculdade de Direito em Minas, cabendo-lhe a encarregada de Direito Criminal. Foi ele também quem teve a ideia da criação do Arquivo Público Mineiro, organizando que tanto servimento tenha prestado ao Estado de Minas e ao Brasil. Nessa época de Ouro Preto, recebeu ele alguns amigos que tinham ido para ali, juntando as personalidades de Floriano, amigos que se chamavam Olavo Bilac, Magalhães de Azevedo, Alvaro de Almeida Sobreiro, Leopoldo de Freitas, Emílio Ronáde, Coelho Neto, etc. Em sua casa reuniram-se esses amigos todas as noites e falam uns para os outros os trabalhos que escreviam. Foi nessa tertúlia de Ouro Preto que Afonso Arinos teve a primeira vez para os amigos os seus esplendentes contos do sertão.

Olavo Bilac encarava o encanto desses dias no sertão com grande fascínio, e na Academia Brasileira de Letras, tarde, as boas vindas do escritor mineiro. Tendo e desconfiado do seu próprio talento, ele apresenta os seus trabalhos como de um amigo. Conta-se que, certa vez, estando a ler ao grupo uma das suas páginas, Coelho Neto o interrompeu: "Isto é seu, e de mais ninguém. É seu". Afonso Arinos já era, a esse tempo, um homem de maneiras mo-

Bibliografia de Afonso Arinos

E a seguinte a bibliografia de Afonso Arinos:

"A Esteirinha", conto. Publicado na "Gazeta de Notícias", quando o autor era ainda estudante. Obteve um prêmio em concurso instituído por aquele jornal.

"Pelo Sertão", histórias e passados. Rio: Laemmert e Cia. 1898. 208 páginas. 2.ª edição. 1917. Nova edição da Livraria Garnier, s. 1.

"Notas do dia Comemorando", — 308 páginas. Série de artigos do "Comércio de S. Paulo". Tip. Andrade Melo, S. Paulo, 1900.

"Os Jagunços", Novela sertaneja. Arinos escreveu-a com o pseudônimo de Olívia de Barros. "Comércio de S. Paulo", 1899. 2 volumes.

Publicações póstumas:

"O contratador de diamantes", drama histórico em três atos e um quadro, época 1751-1753. 120 páginas e um retrato do autor. Livraria Francisco Alves. Rio. 1917.

"A unidade da Pátria", conferência feita em S. Paulo, em 1917. Livraria F. Alves. Rio. 1917.

"Lendas e tradições brasileiras", conferência feita na Sociedade de Cultura Artística, S. Paulo, 1917.

"Lendas e tradições brasileiras", 174 páginas. Série de conferências. Com prefácio de O. Bilac. Tip. Levi. S. Paulo. 1918.

"O Mestre de Campo", romance de costumes do século XVIII. S. Paulo, 1918.

"Histórias e paisagens", 241 páginas. Livraria Francisco Alves. Rio. 1921.

Explicação do Suplemento

Com o número que hoje é publicado, encerra "Autores e Livros" o seu segundo volume. No próximo domingo, 21, aparecerá — como sempre acontece nos penúltimos domingos de cada mês — o "Pensamento da América", o suplemento pan-americano de A MANHÃ, tão suoperiormente dirigido pelo ilustre acadêmico Ribeiro Couto. No domingo seguinte, 28, aparecerá o índice geral do 2.º volume de "Autores e Livros", formando por si só um suplemento de 16 páginas.

Os escritores que abrem o segundo volume de "Autores e Livros" são os seguintes: José de Alencar, Mário de Alencar, Franklin Távora, Joaquim Náhu, Alberto de Oliveira, Stefan Zweig, Castro Menezes, Aloísio Azevedo, Graça Aranha, Joaquim Manuel de Macedo, Visconde de Taunay, Luís Delfino, Antero de Quental, José Veríssimo, Ronald de Carvalho e Afonso Arinos.

(Continua na pág. 299)



PACHECO
AFONSO ARINOS

SUMÁRIO

PÁGINA 295:

— Notícia sobre Afonso Arinos.
— Bibliografia de Afonso Arinos.
— Exposição do Suplemento.
— Sumário.

PÁGINA 302:

— Saudação a Afonso Arinos na Academia Brasileira — Amor ao passado — Sobre a obra de Afonso Arinos de Olavo Bilac.

PÁGINA 303:

— O lusciano da Rua Branca e Eduardo Prado, (Trecho do discurso de posse na Academia Brasileira de Letras), de Afonso Arinos.
— A Pátria, de Afonso Arinos.

PÁGINAS 304, 305, 306:

— "Esta coisa estúpida, que é uma sucedânea" (Réplica ao escritor português José Osório de Oliveira), de Cassiano Ricardo.
— Procura da amada perdida, de Mário Leão.

PÁGINA 307:

— A Iara, de Afonso Arinos.
— O melhor companheiro, de Afonso Arinos.
— Correspondência de escritores. Carta de Afonso Arinos a sua filha Carmela.

PÁGINA 308:

— Pedro Barqueiro, conto de Afonso Arinos.

PÁGINA 309:

— Correspondência de escritores. Três cartas de Afonso Arinos a Graça Aranha.

— Sertimento brasileiro de Afonso Arinos, de Mário de Alencar.

PÁGINA 308 e 309:

— O espírito de Carlos de Lacerda, de Joaquim Ribeiro.

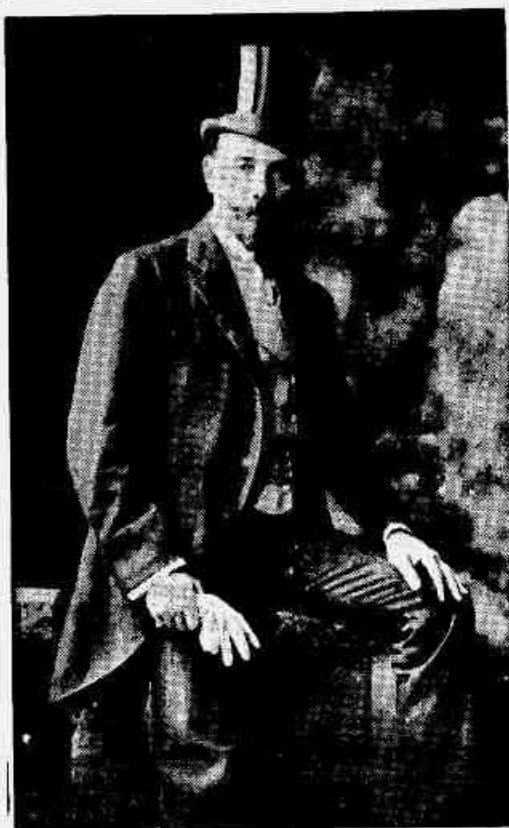
— Elegiárias da Academia.

— O Intermezzo, de Heine. Do número 58 ao número 70. Traduções de Artur Azevedo, Gonçalves Crespo, Francisca Julia, Xavier da Silveira, Rodrigo Otávio, Alcides Flávio, Pedro Rabelo, Fagundes Varela, Magalhães de Azevedo, Luís do Filho e Fontoura Xavier.

PÁGINA 310:

— A colaboração de Filibálvio. — Achado n.º 7.

— Imagem, poema de Dante Milano, com ilustração de Osvaldo Goeldi.



Afonso Arinos em 1908

O M A R - Afonso Arinos

O mar! Ele representava para os gregos, como para todos os homens civilizados, um dos sentimentos em que festejar, Almirante, o motivo de vossa admissão na Académia — o da Pátria. Era a imagem de vossa quando, a seus olhares nostálgicos de filhos ofegantes da ânsia de revê-la, asfisou na amplidão azulada o que o seu poeta chamava "o sorriso infinito das ondas". Bem sentimos, bem compreendemos a crepítos alegria daquele bando exilado de praieiros, habituados à vastidão e ao frescor da planura marininha, quando, depois de tremulados por mais de um ano, lograram escapar ao abrigo estreito de um continente hostil, por onde erravam marrando com os cerros e os penhascos. Bem compreendemos, bem sentimos aqueles gritos de exultação quando se separaram da coluna pugnáz dos quase prisoneiros dos barbares o caminho da pátria no estreito das náves lobrigadas, ao frol das águas e no voo das gaivotas, aladas umas e outras, evocando-lhes ao vivo imagens longo tempo afagadas e acendendo-lhes com esperanças há tanto acalentadas em vão.

Este não era de certo aquele mar nevecento dos poemas de "Ossian", onde os Elfos, vestidos de trevas, deram a traição e a morte; nem aquele cujo terror fechou por milénios as nossas plagas ao convívio da Europa Ocidental; foi, sim, aquele onde a arte, planta nativa, medrou desentranhou-se em flores, como nos lagos dos nossos jardins medram e florescem os nemúfias.

O seu poder mágico nos o estavam sentindo agora, sentiu-o o homem sempre, porque o mar, na sua amplitude e na sua mobilidade, é a mais larga e potente expressão de eterna e incessante aspiração humana para a liberdade. Sendo ele, com efeito, a mais vasta porção da superfície da terra, é também a que nunca pôde, nem poderá ser dominada, nem possuir por nenhuma aglomeração humana. E assim condenado pela natureza a uma neutralidade

perpétua, estrada sempre livre e sempre grande, ele concretiza a ideia do logradouro comum de todas as raças, o ideal nunca atingido, mas nunca esquecido, da solidariedade humana. Afeta a faixa da população que ora o nosso litoral, nos somos, a maior parte de nós brasileiros, um povo miraculoso, um continente. Pois bem: e no mais longínquo habitador de nossos sertões, na mais remota caia de caiapó ou de matuto, que mais videntemente encontramos a misteriosa nostalgia do mar, mais forte que a fascinação do monstro. Quantas vezes a mim, que nasci a 1.200 quilômetros da costa e numa terra onde ainda hoje o ponto mais próximo de estrada de ferro fica a mais de 300 quilômetros aquém, a mim mesmo, quantas vezes não se despararam patrios cujo anhelo supremo era poderem, como os gregos, subir o Monte Sagrado para embeberem o olhar no infinito azul do oceano?

E é talvez no nosso vocabulário do sertão que mais se guardam os termos marítimos. "Navegar", no sentido de transitar, frequentemente por um ponto: exemplo: — as tropas navegam por este caminho; "tolete", no sentido de pausinho roto, como aquele a que se prendem os remos; "arrabada", no sentido de voltar atrás; "a tia, correr à coxa, à riba, de riba, amarrar" e mil outros — são vocabulários náuticos de uso diário no sertão. Muitas vezes, a situação "Como vai?", a resposta é "Vou remando", para significar que se vai mansamente, mediocremente, sem vantagens, mas também sem obstáculos.

Ora, essa atração instintiva pelo canto da serra, cujas lendas, "substractum" da poesia popular milenária de luxo, existem tão vivas entre os sertanejos, vem justificar a seu modo a observação científica de Lapparent.

Este, tratando da morfologia terrestre, assegura que o desenvolvimento e a civilização de cada país são o resultado da proporção entre extensão da linha da costa e a massa do mesmo país.

(Discurso na Académia).

Afonso Arinos e Eduardo Prado — Tristão de Alvaide

Vemos Afonso Arinos e Eduardo Prado, fundidos numa só memória, como foram, em vida, confundidos num só ideal e num mesmo amor. E como eles é a poesia da terra que se levanta; e a tradição dos antepassados que ressurge, é a alma do povo que se abre a nós; é toda a nobreza do espírito brasileiro que reponta nesses dois "aristocratas do sertão", como os chamou Pedro Calmon.

Se quisesse aqui renovar o paradoxo do analfabetismo como índice de progresso, ninguém, melhor do que Arinos, forneceria matéria para o fazer. O homem culto que ele foi: familiar dos meios artísticos e literários do velho mundo, que por tão longos anos frequentou; o peregrino ful de todos os monumentos de arte humana, como sempre e inviolavelmente se mostrou, — não podia entretanto ser apenas um romântico do povo rude dos sertões. O que Arinos amou de que povo, o que nele foi buscar para da vida aos poucos contos que deixou, poucos mas imortais em nossas letras, porque souberam traduzir, para todo o sempre, um dos aspectos indeleveis da alma nacional, — não foi sua inculta mas a pureza do sentimento brasileiro, no "cerne da nacionalidade", de que falou Euclides da Cunha.

O homem do sertão e o próprio sertão, foram para Arinos não apenas um tema literário, como já se disse, mas uma admiração para toda a nacionalidade, e muito particularmente para os responsáveis pelo seu futuro. Faziam-se estudos, levantavam-se escolas, curchem-se mestres, abram-se a civilização as portas das nossas desertas interioras — mas, por amor de Deus, preservem-se nessa massa rude, incauta, e por vezes doente dos nossos chapadões, o que neles representa a brasileiridade de nossa inteligência e do nosso coração. O que Arinos queria, nem mesmo era o que Ghanda propugna para os seus Indianos. Tear mecânico ou tear à mão: automóvel ou carro de bol, alfabetismo ou analfabetismo: força de músculos ou franzinhas de tipo, — não é em nada disso que reside o essencial para o futuro e para a elevação de um povo.

Se tivermos no Brasil uma invasão de escolas tecnicamente perfeitas; uma aluvião de hospitais com as mais modernas instalações científicas; uma aparelhagem industrial poderíssima; uma legislação social perfeita; cinemas, rádios, aviões, livros e máquinas por toda a parte, — mas se tivermos perdido esse não sei que, que não define para não tombá-la magniloquência, esse segregante de corante de sedação e de incomparável lição moral que tantas vezes encontramos no mais humilde, no mais esquecido, no mais inculto filho da miséria e da ignorância, — se assim suceder, teremos trocado a primogenitura do bem e da independência pelo prato de identidades do primarismo cultural e da reles mitologia da curiosidade. Contra essa traição moral e intelectual, política e estética, possível é que se insurgia Afonso Arinos. E dedicou-se então, de corpo e alma, à defesa dos que incarnationam, na sua humildade, no seu anonimato, na sua inculta, na sua indigência, o próprio coração da pátria, preservando nesse misterioso e violento sertão. Não foi apenas um saudista; não foi um romântico do analfabetismo; não foi um esteta que aspirasse a conservar fechado o sertão para gozo do seu dilettantismo de viajante. Em suas viagens era o primeiro a levar para o seu sertão, e para os seus sertanejos, tudo o que de bom nos temos dado e progresso científico e industrial do mundo moderno. Não era a pátria estagnada como um

grande parque fechado para uso de sibaritas desencantados do progresso, que desejava.) que ele queria era defender a sua terra e a sua gente contra a invasão do pedantismo cosmopolita que já via rondando tralejoramente os horizontes. O que ele queria, era que o Brasil continuasse a ser brasileiro e a preservar as fibras morais mais rijas do seu caráter. O que ele queria era uma arte verdadeiramente nacional, impregnada do amor, da beleza, das virtudes, do coração e da paisagem brasileiros. Tudo isso ele o quis apixonadamente, de perto ou de longe, no Sertão ou em Paris. Pois raramente se viu tão belo tipo de homem, expressão tão sadia tão pura, tão verdadeiramente aristocrática de uma raça que nele produzia, sem o concerto de qualquer Eugénia oficial, um desses modelos por antecipação do que pode vir a ser um dia o tipo físico perfeito do "homem brasileiro". E como conservou e cultivou, em sua alma grande e simples, essas mesmas virtudes autênticas que fomos encontrar na fisionomia moral de Miguel Couto, nele nos deparamos com um desses belos exemplares de homem, que nos reconheciam em sua natureza humana, por mais que, por vezes, nos fizessem desmanhar o espetáculo de fealdade e macilência de que é também capaz essa misteriosa espécie animal, com que Deus, fazendo-nos seus semelhantes, mostrou-nos realmente a sua Onipotência...

Se Arinos foi, para nossa geração, não o romântico de um sertão embonecado, mas o revelador da sua fibra e da sua beleza natural e moral, tantas vezes rude e barbara, — foi Eduardo Prado, para muitos de nós, o revelador da nobreza do passado brasileiro. Não tampouco em seu romantismo sentimental, que por tanto tempo vigorou oficialmente, e sim na sua dignidade. Começavam já a ser invadidos pelo pessimismo histórico, que em Portugal matou o ânimo de um gerador e que, aqui no Brasil, quase nos leva ao mesmo dilettantismo nacional. Salvou-nos Eduardo Prado dos dois maus iguais e contrários, tanto do furiosismo histórico como do nihilismo do nosso passado. Ensinou-nos o abe do caráter nacional, que é



Afonso Arinos em outra ocasião de 1908 (foto em Paris)

o interesse pela linhagem patria. E foi restaurar, em nós o respeito pelos regimes culturais ou pelos homens e quecidos. Colocou-nos novo a literatura da nossa terra, em sua dignidade etólica autêntica, e leu-nos, bravamente, contra todas as suas desgraças. Se Arinos defendia os nossos costumes, lutava Edmundo Prado pelas nossas tradições políticas. Se Arinos nos fez amar o povo rude do sertão, abriu-nos Fernando Prado o peito, as rudes mestres de obra, portugueses e brasileiros, de nossa era primitiva. Se Arinos pugnou pela linhagem mestra da nossa "Brasileira", essencialmente cristã, revelava-nos Edmundo Prado as diretrizes mais salutárias das instituições brasileiras, nascidas da mesma espiritualidade cristã e da mesma tradição hermenéutica civilizadora da Monarquia que politicamente ergueram o Brasil e da Igreja, que moralmente o formou.

Conjugavam-se assim, essa temperamental, seus ideais, seus métodos de ação intelectual e social. E preparavam a conciliação brasileira para a defesa, inimiga e nemesis, contra as tentativas subversivas de envenenamento de suas fontes.

(Do discurso de recepção na Académia Brasileira).



Afonso Arinos. O escritor tem na mão o romance do seu "Contos de Diamantes"

A IARA - Lenda amazônica, versão dos Manaus - *Hans Hins*

Jagoarari, o filho do tuxaua dos manaus, era belo como as frestas, manhas de sol nas águas do Grande Rio. Tinha a força e a destreza, do puma augeiro que domina a mata-ria brava, mas muito o excesso na audácia em perseguir a cova e atroitar o inimigo.

Quando ele vogava na sua igara, deslizando sobre as águas silenciosas, que a proa, como a de um passaro, apenas trilava as garcas ariscas, por velo, não fugiam da beira do Rio, e os jacarins, mesureiros vinhambas sandálio, roçando os peles no chão.

Nas grandes festas com que as fadas dos manaus, reunidas no palco do trocano, celebravam a admissão dos menecbos à filia dos encantos, nenhum moço igualava Jagoarari na altivez do porte nem na agudeza da vista, nem na firmeza do braço.

Arremessada do rijo arco a sua flecha certeira cortava a carnaça do caititu ou o pulo de maracajá, e a umiri da sua canhulada abatia no voo o gatito carneiceiro.

Os velhos o queriam, amavam fios as moças, admiravam-no os caçateiros e nos seus cantos o nome de Jagoarari soava como o daquele que um dia, de certa maneira, iria gozar — sempre bem nas Montanhas Minas, a sonhada mansão das fadas.

Quando ao florescer da fronteira amazônica, a sua igara, o abrigo do barranco da foz, o luxo da verde ramagem, a encosta sobre a corrente, o brilho folhoso sacudiam os galhos e derranavam nos negros cabelos do filho do tuxaua uma chuva de flores.

Sozinho, saía na leve igara e voa até a ponta do Tarumau, onde os companheiros o veem de longe, com os olhos fitos no espelho das águas, solitário e tritoucho como o meditativo maguari.

Um dia, cheia de apreensões fúnebres, sua mãe exclamou:

— Filho, os juruparis perversos envenenaram o ar que respiras. Acuam vem agora cantar à nossa porta. Teu pai quer fazer longe daqui nova taba para a nossa gente. Se assim a

guma vez a sua voz temerosa trazida pelo vento gemedor?

Meu filho, meu filhinho! Anhangá espalha pelo capim rasteiro e pelas folhas dos arbustos as sementes das dores que matam!

Assim falava a pobre mãe

tapuia quando via o filho entrar

na habitação paterna a horas mortas, vindo dos lados do Rio, e ficar insone, noite a dentro,

com as pernas pendentes da rede selvagem, os cotovelos fin-

cados nos joelhos e os olhos

fundos e tristes a olharem, a

olharem pungentemente para

fora, para o Rio, para a noite,

para o seio negro da escuridão:

As enternecidas palavras de sua mãe, Jagoarari respondia apenas com um olhar, o olhar daqueles olhos tristes e fundos, onde se sentia a criseção de vertigem das profundezas.

— Filho, não foi de muito tempo: faz pouco ainda a alegria esvoacava a flor de teus olhos como as marrecinhas a tonz da lagona. Porque fugiu? porque foi ela fazer tão longe de ti o mím o seu ninho?

— Mae! — murmurava ele apenas, fazendo um vago gesto.

E o seu corpo, que tinha o frescor e a selva de tato da palmeira, murchava, murchava sempre: o cuim roaz picava-lhe o coração.

Ele acompanhava ainda o tuxaua nas expedições de cara e o seu braço não tremia ao rugido do cangussú. Mas, ao cair da tarde, evita os jovens guerreiros que armam laços para prendêrem as aves silvestres e toga dos grupos que vagabiam pelas coroas do Rio afirmando redes de pesca.

Sozinho, saía na leve igara e voa até a ponta do Tarumau, onde os companheiros o veem de longe, com os olhos fitos no espelho das águas, solitário e tritoucho como o meditativo maguari.

Um dia, cheia de apreensões fúnebres, sua mãe exclamou:

— Filho, os juruparis perversos envenenaram o ar que respiras. Acuam vem agora cantar à nossa porta. Teu pai quer fazer longe daqui nova taba para a nossa gente. Se assim a

Corre, gente! corre, vem ver!

Acudiram os moços e pararam atônitos, olhando a barra do horizonte incendiado pelo oceano. A canoa do filho do tuxaua, inundada de luz, fendia as águas, com Jagoarari de pé abertos os braços, como uma grande ave selvagem prestes a desferir o vôo. A igara parecia marchar em direitura ao sol, afim de precipitar-se no seu disco abraçado. E ao lado do jovem guerreiro, enlaçando-o como a beijá-lo, surgia, num halo de luz argentea que se destacava no rubor da poente, um corpo alvo, de formas harmónicas, coroado de longas madeixas de fios de ouro a esvoacarem.

— A "Yara"! a "Yara"! — concelaram, em grito unísono, os guerreiros e as moças dos manaus correndo para o meio da taba.

E foi a derradeira vez que viram o filho do tuxaua vogar nas águas escuras do Rio.

(Das Lendas e Tradições Brasileiras).

O melhor companheiro - *Alonso Arinos*

Creio que foi Wordsworth, um dos biógrafos de Sir Walter Scott, quem contou que na vida daquele escritor magno poderia alguém negar fosse ele um poeta, mas ninguém diria que não era the fest fellow, o mais jovial, o mais fino e chistoso anedotista da Grã Bretanha. Tomava como regra falar a todos com quem casualmente andasse, fosse qual fosse a condição social desse companheiro de acaso. Ora, para escrever para o povo é preciso ser da povo. O que lá estive em livros pode ser posto ainda num livro", diz Begehot; mas, um caráter original, tirado de primeira mão da natureza, precisa de ser visto direitamente, para ser conhecido.

Correspondência de escritores

CARTA DE AFONSO ARINOS A SUA FILHA CARMEN



Alonso Arinos, num dos seus últimos retratos

Langham Hotel
24, rue Bocquidor, Paris,
10 de maio de 1907.

Querida Carmen,

Como é chegado o tempo dos morangos, que já não rende apregoados pelas ruas, apesar das chuvas de granizo neste primavera sem sol, não posso retardar a minha tão esperada correspondência com os dois "diabinhos" de filhinhos que deixei no Brasil. A estação dos morangos lembra as duas queridinhas e traz-me com o nascimento da verdura, a difusão da luz, o desaparecimento do frio sempre escuro e lacrimejante nestes longos dias ora felizmente passados, de inverno em Paris; a estação dos morangos traz-me, dizia eu, um pouco de alegria e da vida-cidade e da cor vermelha que eu deixei junto do coração e dos olhos e das faces das minhas filhinhos. Recebi pelo meu aniversário, cartas e cartões de toda a família. Mas eu não fico assim há dez anos; quem faz anos é só Mamãe Antonieta que, segura como é, vai guardando cuidadosamente cada ano que passa; eu não! Eu agora, cortando largo neste mundo estreito, jogo para a frente 20 anos, e só celebro aniversário de 20 em 20 anos, esperando que as constantes descobertas e os estudos dos Matchnikov e outros, me deem a mocidade perpétua da deusa Calypso e do tio Marinhos.

Depois de uma longa excursão de dois meses pela Suíça e Itália terminada com a nossa estada em Lisboa para onde fomos ao encontro do Conselheiro, ela-nos de novo em Paris, desde o dia 20 de Abril. O Conselheiro já muito melhor seguia daqui para a Suíça onde ficara até o fim deste. Mas falemos de vocês, Carmen. Ainda ontem um dia raramente lindo e animado, estivemos pela tarde no "Bois" e fomos tomar chá no "Pré Catelan" que tem um novo pavilhão realmente deslumbrante. Pois quando eu via fugindo do trote de finas éguas de raca pelas aleias de cavaleiros, umas amazônias da sua idade, Carmen, ficava "dá-dá" de não poder mostrar aos pedregulhos das áleas, às árvores, aos passarinhos e à gentilhona toda que enche de histórias o "Bois", que também o Brasil é terra de branco e que uma brasileira engalhada e de cabelo crespo, era capaz "d'épater" todo esse poviê, com éguas, cavalos, árvores, flores, cachorros, ingleses, americanos, alamedas tudo! Você se estivesse aqui me faria passear a cavalo pelo "Bois" desafiar em elegâncias todos esses "poseurs" fatigados e fazer um figura, em bem do nono tantas vezes ridicularizado da nossa terra das palmeiras.

Mas, até agora não lhes disse nada, minhas felicidades. Estou decidido a partir daqui no dia 14 de Junho, pelo "Amazon" querendo Deus. O Conselheiro quer que a Mamãe Antonieta fique e por isso, que eu vá por muito pouco tempo. Ficará ou não? A última hora, não sei o que diga.

As encomendas estão sendo atendidas para seguirem logo. O que demorar segura comigo.

Não posso dar mais trabalho a você para decifrar esta longuissima carta; por isso ponho ponto final exaltando à querida filhinha eu e mais a Mamãe Antonieta muitos abraços e beijos dos mais saudosos.

AFONSO ARINOS.



O escritor em companhia de tropeiros, no interior de Minas, em sua última viagem dos "saraus" sertões.

PEDRO BARQUEIRO - Afonso Arinos

Fui lhe contar — dizia-me o Flor, quase ao chegarmos à Cruz de Pedra. «Naquele tempo eu era franzinholho, magro de corpo, ligeiro de braços e de pernas. Meu patrão era avelantado, temido e tinha sempre em casa uns vinte capangas, rapazada de ponta de dedo. Eu tinha uma "meia légua" trochada de aço, que era meu "osso da correia". E, concertando o corpo no lombar, soltou as rédeas à mula ruiva, que era boa estradeira. Inclinou-se para um lado, debruçando-se sobre a coxa, e apertou na unha do polegar o fogo do cigarro, puxando uma bala de fumo.

«Estávamos, um dia, divertindo-nos com os ponteados do Adão, à viola. Eu estava recostado sobre os pelegos do lombilho, estendidos no chão. A rapazada toda em roda. Pouco tinhamos que fazer e passava-se o tempo assim.

«Eis senão quando entra o patrão, com aqueles modos decididos, e voltando-se para um moço que o acompanhava, disse: "Para o Pedro Barqueiro bastam estes metinhos!" apontando-me e ao Pascoal com o indicador; "não preciso burlar nos meus "peitos largos". O Flor e o Pascoal dão-me conta do crioulo aqui, amarrado a sedento."

«Para que mentir, patrãozinho? o coração me pulou cá dentro, e eu disse comigo — estou na unha! O Pascoal me olhou com o rabo dos olhos. Parece que o patrão nos queria experimentar. Erámos os mais novos dos camaradas, e nunca tínhamos servido senão no campo, juntando a trapa esparlhada, pegando algum burro sumido. Eu tinha ouvido falar sempre no Pedro Barqueiro que um dia apareceria na cidade sem se saber quem era, nem donde vinha. Cheguei uma vez a conhecer-l-o e falamô-lo. Que boa peça, patrãozinho! Crioulo retinido, alto, toncado, pouco falante e desempenhado. Cada tronco de braço que nem um pedaço de aroeira.

«Estou com os olhos grande dos olhos, com aquela roupa azulada, comida no Barro Preto; atravessado a cinta um ferro comprido, afiado, alumínio sempre, maior que um facão e memorinho daquele que uma espada. Esse negro metia medo de se ver, mas era bonito. Olhava a gente assim com ar de soberbo, de cima para baixo. Parecia ter certeza de que, em chegando, a encostar a mão num cabra, o cabra era defunto. Ninguem bula com ele, mas ele não mexia com os outros. Vivia seu quieto, em seu canto. Um dia, pegaram a dizer que ele era negro fugido, escravo de um homem lá das bandas do Carlinha. Chegou aos ouvidos do patrão esse boato. Para que chegou, meu Deus! O patrão não gostava de ver negro, nem mulato de prós. Queria que lhe tirasse o chapéu e lhe tomassem bengala.

«Dai, ainda contavam muita valentia do Barqueiro, nome que lhe passaram por ter vindo dos lados do Rio São Francisco. Essas histórias esquentavam mais o patrão que eu estava vendo de uma hora para outra extirpado no meio da rua, porque era homem de chegar quando lhe fizessem alguma.

«Tanto eu como o Pascoal tínhamos medo de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade.

«Subiram de ponto essa noite e a ira do patrão, quando soube de uma passagem do Pedro, num batuque, em casa de Maria Nova, na rua da Abadia.

«Chegára uma precatória da Pedra dos Angicos e o juiz mandou prender a Pedro. De-

ram cerca à casa onde ele estava na noite do batuque. Ah! meu patrãozinho! o crioulo mostrou ai que canela de onça não é assobio. Não é dizer que estivesse muito armado, nem por isso: só tinha o tal ferro, alumínio sempre; e com esse ferro deu pancadas. Queriam cercar a casinha e lhe deram voz de prisão, o negro fechou a cara e ficou feito um jácara de papo amarelo. Deu frente à porta da rua e entrou-se a uma parede. Maria Nova estava perto e me disse que ele cochichou uma oração, apertando nos dedos um "benzinho", que branqueava na pele negra e de sua peleira lustrosa.

«Chegaram a entrar a casa três homens da escolta, e todos três ficaram estendidos. Pedro tinha oração, e muito boa oração contra armas de fogo, porque José Pequeno, cabolino atarracado, a entrar, escancarou no negro o pinguelo de um clavinet e fez fogo. Pedro Barqueiro caminhou sobre ele na fumaça da sala, e quando clarou a sala, José Pequeno estava escorrido no chão como um boi sangrado.

«Dois rapazinhos quiseram chegar ainda assim, mas Pedro Barqueiro descedeu um e pôs as tripas de fora a outro, que escaparam, é verdade, mas ficaram lá no chão, gemedo por muito tempo.

«Dai para cá, Pedro evitava andar pela cidade, onde só aparecia de longe em longe, e à noite. Mas todo o mundo tinha medo dele e vivia admirado-o.

«Um dia, como já lhe contei, apareceu lá em casa um moço pedindo auxílio a meu patrão para agarrar o negro. Era mesmo escravo, o Barqueiro: mas há muitos anos vivia fugido. Já lhe disse que o patrão queria tirar o nego ao valentão, e, para isso, escolheu pobre de mim o Pascoal.

«Que dizes, Flor, falou o patrão rindo-se.

«Uai, meu branco, vassemece mandando, o negro vem mesmo, e no sedento.

«Quero ver isso.

«Vamos embora, Pascoal! Quando íamos a sair, o patrão bateu-me no ombro e, voltando-se para o moço, disse muito firme: "Pode prevenir a escolta para vir buscar o Barqueiro aqui, de tarde. Não deitar duzentos mil réis a estes meninos!"

«Desci ao quarto dos arreios, passei a mão na "meia légua" e no facão e apertei a corrente a rita. «Passei a mão na "meia légua" e no facão e apertei a corrente a rita.

«Pascoal já estava na porta da rua, assobiando. Tinha por costume, nos momentos de costume, tive fome. Era um trovo, que diz assim:

«Na mata de Josué
Ouviu o mutum "gême";
Ele geme assim:
Ai-rê-nê, hum! ai-rê!»

«Quando Pascoal me viu, soltou uma risada.

«Estás doido, rapaz! gritou-me.

«Por que?

«Queres mesmo enfrentar com o Pedro Barqueiro? Ele faz de nós passoca. A coisa se há de fazer de outro modo.

«Pascoal tinha tento e tu sempre tive tê nele. Era um cabritinho mitrado. Só aí eu ceda idéia... Mandou — e me guardar a "meia degua" e o facão. Depois, foi à venda, escondeu os anzóis de pesca e veio para casa encastelá-los. Eu, nem bicho! Ajudei a acchar o serviço, certo de que Pascoal tinha alguma na mente.

«Deixa a coisa comigo, ajuntava ele.

«Isso ainda era cedo; o sol estava umas três braças de fora, no tempo dos dias grandes. Lá por casa madrugavamos

pois, vi que estavam brigando — me lembra como se fosse hoje — e uma avançava para outra dando pulinhos, sacudindo as asas, com o cocuruto arriscado e os olhos em fogo. O coração pareceu dizer-me outra vez: "Olha, Flor, o que vais fazer." Nesse entretanto, o Pascoal, que me encarava sempre do ponto onde estava sentado, gritou-me:

«Esqueceste a cabeca nalgum lugar? Vamos embora, que vai tardando já.»

«Fiquei desechado; eis em mim e fui marchando disposto. Daí em diante, fui brincando com o Pascoal, que era muito divertido e tinha sempre um caso a contar. Chegando em baixo, arregacámos as calças e dessemos o cõrrego, cada um com seu anzol na vara, ao ombro.

«Era preciso que ninguém desconfiasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro.

«Ai quase que tínhamos esquecido o perigo mandado, tão diferente andava a conversa com as caçadas do Pascoal.

«Para encurtar a história, patrãozinho, achamos Pedro Barqueiro no rancho, que só tinha três divisões: a sala, o quarto de deit e a cozinha.

«Quando chegámos, Pedro estava no terreiro debulhando milho, que havia colhido em sua rocinha ali perto.

«Vocês por aqui, meninos? Olhem! vão ali aquele poco, para baixo da cacheira. Tem lá uma lago grande e de cima delas vocês podem faver bichas com os plaus.

«Louvado seja Cristo, meu deus!» havia dito o Pascoal, e rido a rímel.

«Se quiserem comer uma carne assada ao espeto, tiram um naco; está na fumaça, por cima do fogão uma boa manha. Olhem a faca aí na sala, se vocês não tem algum caxerê-queugue.»

«Pascual entrou, e viu recostado a um canto da parede o ferro alumínio. Pegou nele, subiu pela porta da cozinha e escondeu-o numa restinga, ao fundo. Depois me assebrou, eu fendi e ful prozeur a "lazarrina" de Pedro — boa arma, de um só cano, é verdade, mas comedeteira.

«Há alguma jôa por aqui, tio Pedro? perguntou Pascoal.

«Nem tuma, nem duas, um lote delas. Se você quer exp-

(Continua na pág. 200)



Afonso Arinos no seriado minero em 1915

DESAMPARADOS

AFONSO ARINOS

Foi no chapéu extenso que abrira as caminhadas da grande cordilheira das Vertentes; naquele ponto dos limites entre Minas e Goiás em que o dorso da serra parece morder as nuvens baixas e apurar-se para abrir leito ao remansado Paranaíba.

Passava como peregrino por aquelas paragens ermas, tão cheias de solidão e de beleza, cuja contemplação levanta o espírito à indagação dos grandes problemas cosmogônicos.

O vento cabriolava pelas campinas solitárias, carregando partos de neblina, que se afundavam, estendiam-se em amplas manchas de arminho roquante, ou voçavam ao longe, na comissura do horizonte, quais broncos alborozes numa escupada de cavalos do deserto.

Pelas fraldas dos morros, cingindo-as, bordando os vales, em cujo fundo se espregavam pinheiros sonolentos, o buritíl eriçava suas verdes frondes, tão lavadas pelas chuvas e tão brilhantes que se afiguravam mafes em corais de pedras finas.

Ai, nesse quadro grandioso, em que tudo era majestade e paixão na natureza, deparei-me com caminhão singular, minino e roquito, mal coberto por um esburacado chapéu de pano e uns faróis de algodão encravado, que estavam a calhar naquele pele cheia de hóides.

Era uma podre criatura incompleta, insectual, nem menino, nem homem, cujo rosto chapado tinha uma expressão de contrastada alegria, nos labios descarnados que nem ligam se unir, nos olhos pequenos e admiráveis que nos guardavam como a coisas exóticas.

Um bardeira! bandeira! — gritou o miseré, e, esquivando-lhe a estatura exígua, levantou a cabeça, abrindo os braços em menção de quem quer abraçar. De seu magro vescovo desceram sobre a pele do peito aduto e arpanhado roxários e dentinhos.

— Tá lá o bandeira! — acabou assim de exprimir o que queria dar a conhecer ao viajor, que era, pela mesma menção de abraço, e apontou, depois, para a fralda do morro onde balouraram as frondes do buritíl. Tinha visto um grande tamanduá. Depois, deu uma garranha e continuou pela estrada agora, tartamudeando palavras, cortando-as com risadas extravagantes, que mais pareciam vozes animais.

Acompanhei nascendo-me aquele ente mirrado, tão contente na sua incônia, tão forte na sua nenhuma força, que mais se unilava diante da natureza pura e infinita que o cercava.

Perdizes placam tristemente pelo campo, chorando o tempo em que viveram nas matas, onde abundaram os frutos e cantam as fontes cristalinas. Conta lenda que dali os expeliram os faixas numa guerra cruel, cuja memória umas e outras convertem no seu pio lamento ou no enlodado desredo.

Mudei, no meio do escampanado, e compadecendo aquela miséria humana, eu sentia com os olhos os movimentos daquele ente sem ventura, inquirindo por que motivo as feras o haviam poupado em suas montanhas ou os cariocas no meio das tempestades.

Foi então que o idiota, dando pulos de contente, mostrou no meio de uma mola um casal de penas perdizes quase implum, pipilando, batendo uma na outra os colos das axinhas.

O nínia entrou desamparado à beira da estrada e também o tinham poupado as enxuradas, em torrentes, nesse tempo de grandes chuvas, e as raposas em sua sonda da noite.

Também os meusinhos e desamparados encontram carícias, ou acomacheo no selo largo da natureza infinita.

Correspondência de escritores

Carta de Afonso Arinos às suas filhas

Paris, 2 de Novembro de 1908.

24, rue Boccador
Hotel Laugham

Queridas filhinhas,

Devia escrever uma carta a cada uma das duas meninas que ocupam um lugar tão grande no meu coração; mas vou canilas num só arco, antes de mais nada, porque se tivesse a decidir qual seria a primeira, ficaria na mesma perplexidade de Buridan, cujo caso já pos malucos muitos estudantes de filosofia nos velhos tempos. Será preciso contar o caso de Buridan? Vocês, apesar de minhas filhinhas muito queridas são também filhas de Eva e querem saber tudo. Pois lá vai: Buridan imaginava um burro a morrer de fome e de sede, mas com a mesma quantidade matematicamente exata de fome que de sede. Supunha agora que se pusesse ao lado, de cada lado daquele indistinto burro, um balde d'água e outro de fome, por onde devia ele conçuir, por maler a fome ou por matar a sede, quando a necessidade era exatamente, matematicamente a mesma? Buridan concluiu que o burrinho teria de morrer de fome de sede porque não poderia decidir-se. Não se saquem minhas queridinhas pensando que eu tire a descoverta de compará-las uma a um balde d'água, outra a um balde de fome. Para tranquilizá-las basta dizer-lhe que, no caso, o burro seria eu. Sem fazer comparacões pouco gentis, em misturei a água com o fome e escapei à morte. Estamos aqui as portas do inferno, com os dias escuros, humidos e tristes que nos fazem chorar pelo calorinho e os mosquitos do Rio. No último domingo aliás, o "Bois" estava vestido de outono, as árvores às bordas das alamedas, com as folhas amarelecidas, formavam uma abóboda de ouro de fundo escuro, ao por do sol. Agora já se despojaram de folhas e estendem para o ar os magros ramos, negros e nus lembrando um exército de fumantes da Índia. Este espetáculo me dá logo uma saudade intensa da minha terra e eu não posso lembrar-me deixa nem evocar sua paisagem sem associar a essa lembrança cada uma das pessoas queridas que ai deixei.

Já fui duas vezes a Londres — e coisa singular! — Londres estava mais quente e menos escuta que Paris. Mamãe Antonieta não me acompanhou nessas duas escapadas, o que a pôs em estado de ranger incandescente durante duas semanas interinas. E em sem ter ao pé de mim as minhas pequeninas para fazerem brilhar o riso no rosto carregado de Mamãe! Até agora a parte melhor da nossa estada na Europa foi o passeio por Portugal. O passeio que demos, de Caldas da Rainha à Leiria, passando por Alcobaça e Batalha, foi uma delícia. As estradas do caminho eram realmente inesquecíveis, pois os campos tinham a animação da vinda. Começamos a entrar na vida portuguesa desde Cintra onde o Antunes nos ofereceu um grande almoço no meio da sua vinda. Já se sabe que hedemos Colares e Moscatel a falar, fizemos a uma galinha com arroz que valia uma enciclopédia papal; limpamos uma colherada de uns bicos de panela, enfim fizemos prées de meter inveja à alentada d' Brites, padaria de Aljubarrota, que com uma pá matou seis castelhanos! E isso tudo acompanhado de guitarras, cercados todos nós de cachopas, escaldados por um sol que não verdia em comparar-se com o de Botafogo em Dezembro. Mas, queridinhas, há sempre um "mas"!... Vocês não estavam conosco, e a colherada de galinha com arroz, os bicos, mexendo-se, anisadas nos pratos, os cachos de uvas torcendo-se nas videiras; as cordas da guitarra estirando-se, o próprio sol enfarruscando-se em certa hora em plena festa tudo isso perguntava-me a mim e a Mamãe Antonieta: em que fazem as "filihinhas" que não estavam aqui perto do papai e da mamãe? E nós perdíamos logo o rosto para a jota.

De Leiria fomos a Coimbra, daí ao Porto e desta a S. Gonçalo do Almirante. Ai é como diríamos no Brasil, sério. De tres a quatro leguas da entrada de ferro, num terreno opestre onde passa o nasciamento do rio Tâmega, essa cidadelha é muito característica portuguesa. Tem um convento — o edifício operário dos padres — D. João III e não por lá rumo a soberba, ao passar por ali o meu cocheiro disse-me com a maior naturalidade e certeza: — Isto é que é obra importante! toda de pedra, feita por S. Gonçalo! Não acaba mal!

A Mamãe Antonieta, que não posta como eu das surpresas das estalagens propriedade, perdeu aí um almoçoinha de luxo, a antiga portuguesa, servido por duas esbelhas cachopas de bandas e cebolas negras, que lambriam bem, mal comparando a "Gioconda" de Leonardo de Vinci. Toda a "quilulada" e mais cuidadosas das cachopas e frutas a deitar fôra não me custaram senão uma magros doce vintens! Mas a Mamãe Antonieta que não quis almoçar ficou como quem tivesse trinado o pimenta malagueta! Filihinhas! quando vocês crescerem sólidas um pouco as refeições no maridão senão de morte de anemia!

Nesse mesmo dia fomos posar numa quinta de S. Tiago no alto do monte, a uns quatro quilômetros de Amarante. Ai nos esperava o "povo da lira" e tivemos uma multidão de dãos, de cantares e "papangas", a deixar saudades. Estava lá o primeiro guitarrista da universidade de Coimbra e muitas famílias das quintas vizinhas. Dançaram, cantando muitas dansas nacionais que eu desconhecia, cada qual mais engracada e cattila. Os fados que eu ouvi pelo grupo dos rapazes de Coimbra, são deveras a deixar gana na boca. Saimos de lá com saudades daquela bonzura. O dono da quinta é um rançor de Vila Franca, chamado Eidanho. Esteve, que veio moço estudar no Porto, e no leito de Amor, ai mistou da sua atual mulher, casou com ela, e ligou-se de toda à terra.

Voltamos ao Porto de lá fomos tomar o "Sud-Express" na Pampulha e eis-nos em Paris. Pode falar agora passar uns dias na Bretanha, no castelo de nossa prima a Condessa de Legge e voltando aqui contamos poder estar livres dos negócios no princípio do novo ano. Já escrevi doze páginas que servirão de relatório à família. Angra eles! Abraço ao Manduca e muitas do Acre! Abraço e d. Camilinha a quem Antonieta abraça também muito saudosa. Um trem de cargas cheia de saudades para a casa da Viscondessa sem esquecer ninquem, um "wanon" para cada um, outro carro de lotaria de dez mil milhares para a Casa do Marquês. Beijos aos sapotiseiros, aos salbás, às borrascas. Digam ao Adão e a sr. Antonio que eu não morri ainda e à Regina e Nhanhau que Antonieta e eu sentimos a cada momento a sua falta. Por falar em trem de ferro em diantei pelo papel afora que não há mais freio; se não puser fôra o meu nome em baixo com os últimos beijos às filhinhas o trem vai no princípio. Do papai.

AFONSO.

Onde está o Manuel, que ainda não nos apareceu aqui, como esperávamos?



Afonso Arinos, a bordo, na ultima viagem que fez para o Brasil. Tem a um lado a esposa e no outro o sobrinho, Rodrigo Melo Franco de Andrade

PEDRO BARQUEIRO

(Continuação da página 298)
vontade. Ficou completamente tolhido.

“Eu li a segurando a ponta do sedento e levava o negro na frente. Mesmo assim, houve uma hora em que ele me deu um tombo, arrancando de repente a correr. Por s'guro, a corde estavam-me enrolada na mão e eu não a larguei. Nesse instante, Pascual tinha corrido de aí e lhe descarragado na nuca um tremendo murro, que o fez bambar um pouco e me deu tempo de endreçar o corpo e seguir firme a corda.

“Barqueiro, d'pois que saiu do rancho, não pôu.

“Chegamos a casa de tarde e o negro li no sedento.

“Eu não disse” gritava o patrão muito contente, “que só bastavam esses d'la man nos para o Barqueiro? Está ai o negro.”

“E o povo corría para V.T. e a frente da ca'a do patrão estava estivada de gente.

“Recebemos os duzentos mil réis.

“Tinha-me esquecido de contar-lhe que eu fizera uma promessa à Senhora da Abadia, de levar-lhe ao altar uma vela se voltasse sô e salvo. Cumprí a promessa no dia seguinte e arranjei uma festinha para a noite. Queria um pê para estar com ele enguir. Subi eu aí para ariba do guarda-má e ca' jantei balancei meu corpo no alto. Nessa hora, subiu-me um roço pelos pés e um como bântimo me passou pela membra das costas ate à nuca, mas minha boca fêeu tremeria. Enta' o Barqueiro, levantando-me de novo, me pousou no chão, once eu bati firme.

“O dia estava querendo escurar. O negro olhou para mim muito tempo, depois f'issse.

— Val-te embora, val-te embora tu és o único homem que se não encontrada nessa vila.

“Eu olhei para ele, passada.

“Aquele pedaço de cravado cresceu-me diantei dos olhos, e vi — não sei se era a dia que vinha ralando — mas eu vi uma luz estúrdia na estreita de Pedro.

“Desempenado, robusto grande, de braço estendido, me peguei, mal comemorando o Arcanjo São Miguel saiu-me o Malgine. Até clarei o céu nessa hora! Tive o chapéu e lhe andando de costas, clarei sempre para ele.

“Vêlo-me uma coisa na mão e pensei que me ia faltando o ar.

“Inseis velmente entendi a mão. As lágrimas me alargaram dos olhos, e fôi chorando que eu disse:

— Louvado seja Cristo, isto Pedro!

“Quando cai em mim, de sua mão desaparecido.”

“Pelo Sertão”

DUAS CARTAS DE AFONSO ARINOS - Martim Francisco

As duas cartas, que de minha memória se meudem hoje para a eternidade pública, reclamam as duas predominantes preocupações de Afonso Arinos: a literatura e a política. Compatibilizou com sua inteligência superior, somaram elas um dos maiores profíctos humanos: que houve a felicidade de estimar e de frequentar de freqüente.

Um, ótimo, nem mesmo em elas, declarações decisivas de responsabilidade, e anormalmente eu, que se lhe via um gesto de mal humor. Calmo e risonho, parecia negar ao perigo a gravidade de que, em regra, ele se revestia.

Dama justa, traiçoieramente encravado comigo em meia consciência, monárquico de forma e de alma de esâmica, do seu nascimento, "longo como o séc. XIX", um só instinto transponha — o de saudar-me de qualquer violência da polícia.

Em Afonso Arinos a bondade e a tolerância, equilibrando-se, como que constituam a própria natureza. Nos outros ele quase indesculpava. Exagerava a menor ofensa com uma periseta excedente, algumas vezes, as raias do entusiasmo; juntamente, sinceramente, devotava o próprio. Um trago deu de suas privilégios concedendo-lhe qualidades boas: Afonso Arinos estava sempre pronto a servir, e também sempre pronto a desculpar os que o não serviam.

Nos ascendeu as eminentes saudades, em qualquer país de mundo, que pertenciam de direito e caberiam de fato. Ninguém, todavia, mais brasileiro: teve a história, literatura, biografias, documentos, governos, tudo, tudo quanto no Brasil se referisse mobiliava, com comodato e abundância, a capacidade crítica e a sagacíssima alma de Afonso Arinos. Nele se via o coração da pátria.

Quando, num abraço de despedida para viagem longa, eu lhe falei aquela dolorosa sentença de Antônio Vieira "se serviu a pátria que vos foi ingrata, ela fez o que costumava a que devia", rápido, alto, prontamente:

"Saiu! E isso mesmo! Foi a última vez que o vi. Mas, em verdade, ainda estou a vê-lo."

Paris, 26 de Janeiro de 1906. — Meu caro amigo, Desejo-lhe a felicidade. Família toda a prosperidade no correr do novo ano.

Quando lhe disse no dia da minha partida, procurei, ao chegar aqui, os representantes de nossa dinastia e mais de uma vez fizemos ocasião de falar do Brasil. Certifique-me, e com grande prazer, que os nossos principais não perfeitamente dignos de papel que os brasileiros modernos dar-lhes a desempenhar no nosso país.

Fiquei muito admirado do quanto o conde d'Eu conhece a nossa história e a nossa geografia. Interessa-se por tudo quanto se passa no Brasil, auxiliando, aliás, por uma memória realmente prodíplosa.

Fiquei certo de que os principais apoiavam com fervor o programa de disputar eleições. Aqui no dia da eleição do Falteres que eu assisti, um deputado monárquico (há nas duas câmaras cerca de 80) telegrafou ao duque de Orléans do próprio palácio de Versailles, onde estava reunida a Assembleia Nacional, para a eleição do presidente da República. E que telegrama! Era um grito de combate. Entretanto, a França está governada pelos socialistas.

Porque razão os monárquicos daí não deixam de parte o platonismo e entram em ação política como a campanha eleitoral, ou violenta, quando for oportuno?

A abstenção é a morte, principalmente a abstenção sistemática; é a negação do político. Francamente: se os monárquicos não podem ao menos disputar cadeiras de deputados e vereadores, é muito melhor deixarmos de veleidades monárquicas e tratarmos de outra coisa. Sim, porque a continuarmos e viver nessa magestosa reserva e púsnacete, não seremos outra coisa mais do que aquele grupo obsoleto de "sebastiantinos" do "Burro do Senhor Alcaide".

Dentro de poucos dias irei a Berlim e Hamburgo, regressando ao fim de quinze dias. — Um abraço do amigo muito grato. — Afonso Arinos".

"Paris, 26 de Novembro de 1909. — Meu caro amigo. — Li com grande prazer o seu excelente discurso de recepção no "Instituto Histórico". Na véspera, tinha falado muito no seu nome, que nunca me esqueci. Em contrário a tudo quanto geralmente se escreve no Brasil, onde se nota excesso de palavras e carência de idéias, o seu discurso é cerrado demais: a abundância de idéias e de fatos pediu desenvolvimento do texto e esse texto merecia grande divulgação. Assim como está só pode ser bem compreendido por uma sociedade como a do "Instituto", versado em nossas histórias.

Vi-se bem que o autor quis ser conciso, alargando a uma assembleia de eruditos; mas a vantagem de tal obra não está em ser lida e apreciada por um grupo seletivo, e sim em ser dada como lição de história pátria a todos quantos sabem ler no Brasil.

As idéias que lá estão e os fatos indicados, alguns por simbólicos alusões, revelando a profunda ciência do autor, formaram, desenvolvendo com a leveza e graça do seu estilo, preciosas e imortais monografias.

Porque não tenta o meu caro amigo a vida dos Andradas — um capítulo heróico da história pátria — limitada ao primeiro

ANTES DA FESTA DO AMOR — Afonso Arinos

Antes das festas do amor, havia a jornada expiatoria ao formosíssimo lago do Espelho da Lua, tão belo quanto misterioso e oculto de profanação dos homens pelas malas invas e maus bruxos das regiões alpestres do nosso continente, na grande ilha, que é a maior do mundo, formada pelo Orenoco, o Rio Negro e o Amazonas ligados pelo canal do Cassiquiare.

Reunidas ali em torno do lago sagrado, nas noites de luar das mais belas das estações, as Irmãs celebravam a festa de Yaci, a Lua, a mãe querida e temerosa das filhas selvagens.

Subiam então aos céus, no meio da imensidão do serzão amazônico, os cantos que nem ouviu de homem poude ouvir, nem ouviu jamais.

império? Escreveu com a mesma despreocupação com que escrevia os seus artigos do "Comércio", deixando escorar suavemente o cabedal acumulado na sua memória.

Na minha longa ausência, é natural que fique desleixado; por isto, escapam-me de certos algumas das obras publicadas nos últimos tempos. Entretanto, creia que a minha residência no estrangeiro não faz senão aumentar o meu interesse pelas coisas do nosso país.

Há poucos dias caiu-me nas mãos uma brochura que revela real merecimento no autor, e nos da esperança. O "Poeta Crisal", de Eraldo Soares, publicado em Campinas. A parte certa "afastada" que o autor perdeu de certo, ve-se nela que há ne rvo, na lógica, na clareza e há sinceridade no saber.

As nossas letras exigem um grande movimento de reação contra o gongorismo, o mau posto em mostrar erudição barata que não encobre a pobreza do pensamento. Precisamos de um movimento contra o pedantismo que nos vai envergondando e destruindo, com a singeleza e a sinceridade, a harmonia das proporções, sem a qual não há obra de arte.

— Um abraço de seu amigo — Afonso Arinos".

O óleo balsâmico do umiri e a fina essência do molongo resendum nos ares como uma oblação aromática à deusa das noites serenas, que tecê com os raios de prata os filtros misteriosos dos invisíveis amores e das germinações.

Maceradas de longas vigílias e de flagelações, as filhas de Jaci caíam em êxtase antes de obterem a purificação suprema das águas cristalinas do Espelho da Lua, em cujo fundo morava a mãe das "mueraquitanas", ou das "pedras verdes".

Quando, a horas mortas, a face da Lua se refletia bem clara na superfície polida do seu lindo Espelho, então as amazônias mergulhavam nas águas e recebiam das mãos da mãe das pedras verdes, como penhor da sua consagração, o presente dessas joias sagradas.

Antes de expostas ao ar e à luz do sol, dos quais somente recebiam a sua dureza e consistência, eram as mueraquitanas como barro e assim tomavam do capricho das amazônias, que as afeiçavam a suas guias, as mais bizarras formas: qual a de uma flor, qual a da cabeça de uma fera.

Era aí a história, fabulosa, ou não, das amazônias brasileiras e das pedras verdes. Se aquelas desaparecerem por completo, estas ainda existem em mãos particulares e em museus. Alexandre de Humboldt deu-lhes o nome de "amazonstein" e considera-as científicamente um feildspato comum. Buffon classifica-as como "jade" e o nosso sábio Barbosa Rodrigues nas suas "Antiguidades do Amazonas" chama-lhe "feldspato lâminar verde", usadas como enfeite pelos índios, que as tinham como segura talismã contra malefícios. Na memória acima referida, conta La Condamine que as pedras verdes ou das amazônias, cuja origem se ignora, eram muito procuradas por causa das virtudes que lhes atribuíam de curar a pedra da bexiga, as colicas nefríticas, a epilepsia, etc., como se pode ver numa das cartas do poeta Voiture a mil Paulet. Há sobre elas um tratado impresso com o título de "Pedras Divi-

nas". Não diferem em cor e em dureza do jade oriental e resistem à lima, não se sabendo por que artifícios os antigos indígenas americanos, que ignoravam o uso do ferro, puderam lapidá-las e dar-lhes diferentes figuras de animal.

O padre Morais, nas suas "Memórias do Maranhão", segundo o dizer dos índios, fala também do lago de onde se retiravam as pedras verdes, existente nas saboeiras do rio Jatimundá. E como os variados fétidos dessas pedras só podiam ser dados por arte humana, pensava o autor que elas receberiam tais formas sendo ainda duetos como barro.

Isto deveria ter-se dado antes ou logo após a sua retirada da água porque depois se faziam durações como o diamante, resistindo ao ferro e ao aço de tempra mais forte. Finalmente, o padre Morais referindo-se a origem misteriosa dessas gemas, afirma ter possuído algumas e saber que ao celebrar museu do Papa Benedito XIV, em Bolonha, fora enviada uma delas representando a cabeça e o pescoço de um cavalo.

A realidade e a fabula andam assim tão de companhia, que os mais prudentes e reflexivos já não opõem a fabulas tais a negativa formal da verdade positiva contra as fantasias da imaginação.

Porque a forma da lenda ou do mito reveste muita vez a falações aparentadas das miragens e tem a efemera beleza dos castelos de nuvens dos nossos horizontes iluminados, mas o seu fundo vem filtrado das próprias raízes da vida.

Não seria o luciúru ou Espelho da Lua o mesmo "Lago Parima", cujas areias eram ouro puro e a cujas bordas existia a fantástica cidade de "Manoa del Dorado", buscada em vão por tantos homens valorosos, a quem custou a vida? O grande Walter Raleigh, navegador, espiador, escritor e guerreiro inglês dos fins do século XVI não embateu o seu gênio contra as garras dessa Quimera?

(Das "Lendas e Tradições Brasileiras")



Grupo feito no Itamarati. Sentados vemos-se Afonso Arinos, Henrique de Melo, Barão do Rio Branco e Góisão da Cunha. De pé, vemos-se Saldanha da Gama, Arujo Jorge (hoje embaixador), Graça Aranha, entre outras pessoas que não conseguimos identificar.

Saudação a Afonso Arinos na Academia Brasileira de AMOR AO PASSADO

O vosso respeito do passado, — conhecem-no bem os que vos leem e leem, no livro e no jornal, e conhecê-lo ainda melhor, eu, que o estudei e admirrei, em tanto período de intimidação: e para mim um consolo e um orgulho é lembrar aqui o tempo amavel e ocupado, trabalhoso e suave a um tempo, em que vivi convosco, há anos, no velho seio de Minas, perlustrando caminhos sepulcrais, restaurando idades perdidas, ressuscitando almas defuntas. Foi em Ouro Preto, na antiga Vila Rica. Tremos ali meses de uma vida singular, intensamente vivida, cheia de completos prazeres intelectuais — que só podem ser bem contados aqui a uma assistência escolhida e culta como esta, capaz de compreender corações de homens em pleno vício da morte: puderam passar semanas e semanas entre os vivos, não os vendo nem ouvindo, e em tédio ouvidos e olhos para um estranho mundo de sombras e de fantasmas. Bem vos deveis lembrar... Enquanto pelas ruas de Ouro Preto, naquele ano trágico de 1893, os vivos comentavam com calor os episódios da Revolta naval, e os bombardeios, e as prisões, e as loucuras — das nows, mergulhados no passado, conversavam com espírito: Toda gente do século XVIII — cavaleiros-generais, ouvidores, milicianos de El-Rei, avassaladores, traficantes de pretos, traidores e traidoras, tiranos e polvilhos fidalgos brilhantes e potentes batidores de ouro e caixões de esmalte, parimpeiros, senhores e escravos, damas de casa orgulhosas e imundas, pretas desleixadas, ricos proprietários e contrabandistas farroupilhas — toda essa gente acudia ao chão da nossa curiosidade, e saltando das casas arruinadas do Padre Faria e de Antônio Dias, evadindo-se do mistério dos arquivos, revolvendo as ruas cheias de escombros, viajava tristeza com a sua antiga vida pitoresca. Logo cedo, por um instante, fui a uma das ruas cheias de escravos, e vi que se casavam ou contrastavam, harmonizando-se como as notas de uma concerto.

Casa da Câmara, alto cubo salpicado de janelas, tipo acabado da arquitetura colonial, com os varões de ferro da cadeia, embaixo, e, em cima, a torre severa abrigando o sino ancião, a antiga campana de rebate, que servia outrora para transmitir ao povo humilde, com a sua voz temida, a celeria ou a bencanam, ambas paternais e pesadas. Dos representantes de El-Rei. Do outro lado, o Palácio — um fortim, cuja presença causava espanto naquela praça tão calma, e a cujas seteiras, ameias e barbacás o apuro da pintura nova não conseguia tirar o aspecto ferrenho e hostil. Era no rez do chão dessa fortaleza, remanescente da era colonial, que estava instalado o arquivo público de Minas: era ali o cemitério das idades mortas, o cemitério das nossas origens. Esse arquivo tem hoje, graças justamente a esforços vossos, outra instalação, destinada a salvá-lo de uma ruína que teria de pesar na consciência dos modernos como o remorso de um grande crime; mas, naquele tempo, a tristeza e a amargurada da instalação diziam bem com a anciãidade e a tristeza largamente isso a que o mais desmoralizado dos chavões dão o nome de po-dos-séculos... Era um po que parecia sair do fundo de ossuários remexidos, um po impalpável e invisível, que era como o bafo úmido e tenebroso de respirar dos "in-folios" comido das traças. A medida que lamos virando as páginas, roberas de uma escritura quase hieroglífica, miudinha e certa, retalhada de barras caprichosas, com fantasias de recorte nas maiúsculas e vultos, feitas nas virgulas acarajumadas, as nossas impressões exteriorizavam-se; e, no po final, em torno de nós, percebíamos vagos cheiros indefinidos, que se casavam ou contrastavam, harmonizando-se como as notas de uma concerto.

tina de aromas: havia o cheiro fresco dos vales, das montanhas, dos ribeiros de aguas cantantes, de todo aquele seio de natureza virgem pesquisado pelas caravanas da conquista; o cheiro úmido da terra cavada, e das guipuras cheias de gorgulho; o cheiro apagado e caroçoso do incenso das ses e das sacrificas; o cheiro da mandioca macerada com que as damas faziam brancos os cabelos... E, não raro, subia e dominava todos os outros um cheiro acre de sangue, uma exalação de mortuárias podres, os cadáveres de mineiros solterrados nas minas, de garimpeiros rebeldes esquartejados pela justiça, de pretos famintos e de reinos insubordinados, corridos a pontas de lanza pelos dragões de El-Rei... Assim, no estudo dos tempos mortos, consumíamos as horas; e ou fulgurasse lá fora, em dias lindos, a luz do sol, ou, em dias de chuva, se embaraçasse no céu as cordas da água, a vida que nos preocupava não era a do povo que trabalhava ou vadava nas ruas, mas a das gerações que se tinham ido da terra. Quando saímos, os espíritos, os amados, os amigos, colavam os seus passos nos nossos, sentavam-se conosco à mesa do hotel, acompanhavam-nos nas peregrinações pelos arredores cobertos de ruínas. Nunca me esquecerei de um calor de noite, que nos surpreendeu certa vez, fora de portas, na derrocada rua da Água Limpa... Com o vir de sombra, um mistério inizável encheu a paisagem, e um calefrio de mudo terror e um sopore de alem-túmulo sacudiram a natureza. As figueiras bravas cresceram desmedidamente e tomavam formas estranhas; as gameleiras bracejavam como avantesmas; havia gemidos no rolar dos calhais que os nossos pés topavam. Uma lua imensa, imensa e redonda, pairou no céu escuro, como um broquel de prata pregado num muro negro, e espalhou a sua luz melancólica, sobre a solidão. E, ao vosso lado, pisando aquela estrada que tantas gerações haviam pisado séculos atrás, ouvindo a vossa voz que me falava com tremida ternura e vibrante paixão dessas vidas apagadas, compreendendo e amando o amor que vos aferava à veneração dos povoados da vossa terra — eu tinha a ilusão de levar comigo não um barcharel de 1893, mas um daqueles cavaleiros de 1720, que terravam armas e galanteios na roda do capitão-general D. Pedro de Almeida e Portugal. Quem da comigo não errei vos, mas um dos vossos antepassados da veneranda Paracatu, daqueles que também, como D. João de Castro, viviam e morriam *polo rey, polo rey e polo patria*; e, ao clarão do luar, uma pluma ondava sobre a paixão vosso chapéu; o vento brincava com os folhos da vossa camisa de rendas e sacudia as abas do vosso gibão de seda; e pelas pedras tinha arrastada e nervosa, suspenso do talabarte de veludo, a bainha do vosso espadim...



O último retrato de Afonso Arinos. Foi tirado em Belo Horizonte e publicado, pouco depois de sua morte, pela "A Vida de Minas".

nhiam os olhos sem brilho, quase brilhantes e olhar altivo. Expressivos, a não ser um que ses conduziria através de meia-lua a criatura feiticeira que encantou o seu tempo e que ficou impressa no cérebro de todos, o cadeirinha de outas eras, como uma caricatura eterna, a lembrança do contacto de um pé tufil, calcadinho de setim".

Ora, aqui está o meu companheiro de pesquisas nos arquivos de Vila Rica, — aquele estúdio mancebo, em quem tua re-

um sonho fugiu, ao cabo de um passeio pela praia da Agua Limpa, julguei ver um fênia reinol, dos que dançavam e manteve na corte do Conde de Asumar...

Mas, ao lado dessas velharias animadas e inanimadas o voso livro conta belamente as novas gentes e os novos costumes que animam o seu século. Um perto amigo das árvores como todos os poetas, disse um dia que, quando encostava o ouvido ao grosso cortex de um tronco da mata, ouvia lá dentro as lhas harmoniosas da seiva, na sua circulação criadora e triunfal. Eu também, quando folheava o volume em que cribeiras a vida sertaneja, ouço circular por ele, em hinos ardentes, a protesta de uma grandeza futura para a terra que tanto amais, para a terra que tanto amais. Com que entusiasmo, com que admiração comovida, com que energia de pincel, com que ardor intenso de estílio, contais a beleza de alma, a coragem herética, os amores brandiosos ou impetuoso, os fogosos ciúmes, a negação rara, a paciente dedicação, e também as graças e as lhes desses homens fortes e simples, que vivem para amar a vida e o trabalho, a natureza e a liberdade, a terra e o céu, a independência de seu destino, sob a proteção de Deus... e fazia que trazem à cintura! Estas poucas novelas, que estão em livro, são os *Festos da Alva Sertaneja*. Aqui temos um banho. Manoel Alves, sempre atrevido, faro de afrontar homens e feras, afrontando as almas perudas de um tempo mal assombrado, e enlongando de angustia por ter contacto direto com a energia de uma alma educada em superstição, com a sua linda *Exeteriana*, "a flor do sertão", de colo de rinoceronte e carnadura cheia de vida — que se desgraça pelos zeos, apunha-

SÍNTESE DA OBRA DE

AFONSO ARINOS

Nos assuntos, o vosso respeito do passado sugere às vezes ao vosso estilo trechos de uma ternura infinita. Ideas por uma rua solitária de cidade em ruínas. Encontrais uma casa humilde. Entrais. Aparece-vos uma velha mulher e aqui está como a descreveis: "Um leve ruído faz-me voltar o rosto e ver, então, emoldurada pelas hombrinhas da porta, no fundo, uma estranha figura de mulher, vestida de algodão muito branco, com o torso pendido a uma dor intensa, xoptida a custo, e a fisionomia cansada, emurechecida, repuxada de rugas, onde mal se adivin-



O escritor, na época em que tomou posse de sua cadeira, na Academia Brasileira de Letras

Letras - Alfonso Arinos

Já fui a rival, sugando-lhe o leite como um morango, e em seguida ao lado do leite, em sua cachaça com os soldados da escola, como uma canela-rainha nova; eis agora o campeiro Maciel Lacerda, moço bravo e jovem-saudade, mal ferido de amor e morto pela filha de um guarda-chuva das minas, e deixando-a morrer de desengano e desespero, sem frases, em um sacrifício que mal disfarça o suicídio. E agora, Joaquim Mironga, a indústria feita homem, de cada labios, num estio que é a um tempo música e pintura, gravura e palavra, em a narrativa de um episódio das lutas políticas de 40, entre imperiais e liberais; e, enfim, o Flor, tritão e lepido, filho da mata, triste nervos e vício, domando pelo coragem o facinora Pedro Burqueiro... E as vossas paisagens, que calor, que perfume se dão, que eterna vibração de viva sabeis comunicar às palavras, quando nos falais das terras que como bom sertanejo portugues, das matas que vistes, dos rios largos e dos vales frescos, em que os vossos olhares naturalmente pasceram desde a meninice!

Ah! quem pode duvidar da fera de uma nação qualquer, num ilustre companheiro, quando essa nação tem gentes fortes como essas, e uma arte como a vossa, para celebrá-la? A existência de uma literatura como a vossa, — *Litterature de terroir*, como se diz expressivamente em Portugal, — já é uma demonstração de força nacional, ativa e própria.

Na em *Pelo Sertão*, uma página encantadora, em que glorificais um velho buriti, "venerável epônimo dos campos", mais do que a nossa raça, perdido no meio de uma planície seca. E assim que lhe falais da tua terra e admiração:

Se algum dia a civilização quiser essa paragem longínqua, talvez uma grande cidade se levante na campina extensa que te serve de solo, velho Buriti-Petrólio. Então, como os hopiutes atenienses caiam em Syracusa, que conquistaram a liberdade entrecerrando os duros seixos à narração das próprias destruções nos versos sublimes de Eurípedes, tu impedirás, poeta dos desertos, a própria destruição, comprando-te direito à vitória com a poesia selvagem e dolorosa que sabes tão bem comunicar. Então, talvez, uma alma humana das lendas primevas, tua alma que tenhas movido ao amor e à poesia, não permitindo a tua destruição, fará com que figures em larga praça, como um monumento às gerações extintas, uma página sempre aberta de um poema que não te escrito, mas que serve de memória de cada um dos filhos desta terra".

Com essa página vossa, quer fechar o discurso de boas-vindas, com que vos recebem homens desta companhia. Sim! a civilização há de ganhar a paragem longínqua em que vistes solitário e soberano, esse buriti-sabugem; mas não será levada pelos senhores duros, cuja coragem careca de ser entrecerrado pelas queixas da terra conquistada. O vosso velho buriti vive, não tolerado, e sim respeitado e amado; mas viverá melhor do que o gênio da nossa nacionalidade, que, como ele, há de resistir a todo o ciclo do drama da conquista, dominante e dirigindo-o.

Está esperança — e, mais do que esperança, certeza — da glória e da grandeza da nossa nação longínqua, é o sentimento que todos nos anima, nesta casa que vides honrar. Aqui a gente se congregate para pregar o passado e para esperar com confiança o futuro.

O vosso lugar estava marcado, e sobre ele paira a recordação dos dois espíritos, cujo fulgor tão belamente nos fizestes sentir e compreender há pouco. A vossa casa em dignas mãos. Sede bem-vindo.

O Visconde do Rio Branco e Eduardo Prado -

AFONSO ARINOS.

(Trecho do discurso de posse na Academia Brasileira de Letras).

Timidamente me aproximou da cadeira de que é patrono o Visconde do Rio Branco e que foi ocupada por Eduardo Prado. Lá no dia, hesito, antes de bater-vos a porta, sr. acadêmico; aqui chego, não sei se reforçar, não sei se avançar para preencher seu lugar, que de certo não é o meu. Passa-me pelos olhos a cena que vi outrora, num gravura antiga: um estranho, — talvez, pedinte talvez — vai atravessar o arco do palácio de um patrício romano; o porticé, encoberto, rijo, ereto nas colunas de mármore, está materialmente aberto ao acesso do estranho, mas, e o gente bom, talvez embarga o passo e lhe veem a estrada; ele, o velho assustado, buscando animação nos marmores, ergendo o apartamento subito de algum semelhante amigo.

Foi, de resto, porque conneceis bem a minha intimidade com Eduardo, que a vossa atenção se prendeu ao meu nome; não só a nossa intimidade, como a alinhada das nossas ideias devem ter sido o motivo principal da minha eleição. Querias, para representar Eduardo Prado, alguém que tivesse privado com ele e vos pudesse talvez pintá-lo ao vivo na intimidade saudosa e interessante daquela vida tua viva, tão exuberante. A "pessoa" é ainda a dele e essa insubstituível; eu representarei apenas a sombra, ou, se quiserdes, o culto a quem desapareceu entre vós. E, pois, um motivo de sentimento que me faz comparecer perante vós. Ainda uma vez — e esta numa sociedade de intelectuais, de homens de sua razão — se confirma a verdade de que mais nos move a todos o sentimento co que o racional, a despeito de tudo quanto po somos dizer do sexo fraco. Procurastes em mim uma certa reminiscência de Eduardo Prado. Mas foi também um motivo de sentimento que levou Eduardo a tornar como patrono de sua cadeira o nome do Visconde do Rio Branco, não só no homenagem ao estadista, a admiração pelo diplomata, o respeito pelo professor, mas, principalmente, a amizade que Eduardo Prado votava ao segundo Rio Branco, legítimo herdeiro do nome e da glória do primeiro. Se em mim procurais uma lembrança, no grande Rio Branco, Eduardo procurou um tributo de veneração e afeto.

Antes, porém, que me ocupe de mim, ainda mesmo com o pretexto de cumprir um dever, qual o de agradecer-vos a eleição, premiati que eu vi dízimo o que senti, o que sinto, quando vejo unidos nista cadeira dois nomes tão distantes um do outro pelo tempo, tão diferentes na forma da ação de cada um neste país e tão misteriosamente ligados, não como dois contrastes ou dois extremos a se tocarem, senão como duas forças opostas apenas para constituição de um equilíbrio, concorrentes, pois, para o mesmo fim. Rio Branco, filho do passado colonial, herdeiro da resistência tenaz contra a independência, olhava para o futuro; Eduardo, filho do presente, nascido já no declínio do século XIX (1880), tinha os olhos fixos no passado.

Vindo ao mundo ainda na era napoleônica (em 1819), onze anos depois que a Corte portuguesa, buscando as praias deste lado do Atlântico, pôde salvar Portugal do que sofreu a Espanha, o Visconde do Rio Branco, por seu pai, Agostinho da Silva Paranhos, por seus bisos, o capitão-mor da Baía Antonio da Silva Paranhos e o coronel de milícias João da Silva Paranhos, respeitava aquele afreto à metrópole, aquela paixão reacionária contra a emancipação da colônia, emancipação que o homem sentia seguro, a clarividência e o espírito práctico de d. João VI previram e contra a qual o patriotismo português protestava, não por desamor no Brasil, mas por amor egoísta de velho pai, sob ameaça de uma separação; por amor das velhas glórias portuguesas, cuja conservação parecia intimamente ligada à conservação do mais importante domínio ultramarino do reino.

A família Silva Paranhos, honrada e genuinamente portuguesa, portou-se, naquela ocasião do domínio lusitano no Brasil, com o realismo rude, o devotamento de pessoas e bens à causa da Pátria, a renúncia, sem espalhafato, da própria posição em holocausto à rija norma de fidelidade — virtudes deveras não raras em portugueses que vereis em esplêndido relevo no lema tirado de uma das frases atribuídas ao vice-rei d. João de Castro por seu historiador Jacinto Freire: "é esta a terra que legaram nossos maiores — "morrer gloriamente pela lei, pelo rei e pela Pátria".

O futuro estadista brasileiro veio ao mundo três anos antes da triste era de provações que foi para sua família a resistência de Madeira, na Baía, e, principalmente, o período posterior ao 2 de julho. Sofreu com o sofrimento dos seus; e o seu espírito, partindo daí, tomou largo surto para o futuro, encabeçando, sem que o soubesse então, talvez sem que o sonhasse, essa política nova, puramente americana, de atração e incorporação do estrangeiro, cujo dedicado e ardente preceptor foi, mais tarde, no dizer de Joaquim Nabuco, o vosso antigo e audioso confrade Visconde de Taunay.

Assim, pois, meus senhores, Rio Branco, filho da época da Santa Aliança, nascido depois da vitória desta contra Napoleão, quase em meio do renhido duelo do antigo espírito conservador,



Alfonso Arinos, em uma de suas viagens no exterior. Esta com companhia do seu irmão, capitão Henrique de Melo Franco

profundamente monarquista, contra o desencadeamento da doutrina do "Contrato social" que dava ao povo o governo direto do Estado e cuja realização nunca passou daquelas páginas do livro de Rousseau — fez como Pericles; do seio do mais obstinado aferro aos velhos moldes, ao que Taine chamou, na sua obra capital, "L'Ancien Régime", partiu para o mais amplo liberalismo. Também Pericles, do orgulhoso espírito aristocrático, cujo "kanon" era um como patriarcado, cuja religião era a da família, segundo a descreve Fustel de Coulanges, saia para ser o chefe da democracia helénica.

Rio Branco na política e Mauá na indústria e no comércio foram os chefes do americanismo no Brasil: sua ação continua ainda, até que se feche o ciclo histórico iniciado com as últimas reformas do segundo reinado.

O que eu chamo "americanismo" é simplesmente a reciprocidade que os europeus e anglo-americanos chamam expansionismo e imperialismo. O momento para as grandes nações pejadas de população e de riquezas, é de se desdobrarem; para nós, donos de vastos territórios despojados é de formarmos-nos, de constituir-nos, de crescemos e de sermos uma nação, enfim. Aquelas, já formadas, tendo já atingido a maturidade, estão na fase biológica do desdobramento, da proliferação, de que Spencer chama "excesso de crescimento". Nós temos que receber os donos, temos que crescer à custa do velho mundo, temos que tornar-nos com as sobras da sua população, com o produto do seu trabalho. Ora, o que eu chamo "americanismo" é o estado peculiar às duas Américas — de serem nações a formar-se, de caráter ainda indeciso, de telões mal pronunciadas, não tendo ainda nem passado, nem história, nem arte, nem literaturas constituidas e definidas; o que eu chamo "americanismo" é o reconhecimento desse estado de elaboração, se o quiserdes de fermentação, ou melho, de fusão de elementos, de concorrência, enfim, de fatores, para se descrenhe o nosso tipo nacional; o que eu chamo "americanismo" é ainda, senhores, a defesa dos elementos nacionais já pronunciados, já vivos, denunciando já as linhas do tipo futuro, revelando, já, no vago dos traços do Brasil-infante, as linhas máscaras do Brasil-homem.

Rio Branco, senhores, foi dos mais completos intérpretes desse americanismo. Eduardo Prado também o foi. Mas Rio Branco, vivendo na vigência do antigo espírito conservador, propulsava a máquina, em largos arrancos, para o futuro; ao passo que Eduardo, agindo num período oposto, de monomania de reformas, de desprezo de tradições, de destruição do passado, dava contra-vapor, volvia-se com todas as veras da alma para esse passado; ambos, porém, defendiam na sua mais veemente, mais nobre, mais leal expressão, o que de mais nobre, de mais jeal, de mais brasileiro se possa encontrar no Brasil.

A PÁTRIA - Alonso Arinos

Como efeito não existe o patriotismo onde não há o espírito de saudade. Não é patriota quem não sente sinceramente disposto a dedicar a pátria ao menos um pouco, fazendo, do seu egoísmo,

A nossa pátria não é essa terra opima de Promissão onde os ares por toda a parte são deleitosas, e por toda a parte são coleitas.

Temos vastas regiões saúvas e climas heutis, onde a vida do homem não é possível sem prejuízo e longo amanhecer da sua indústria com os recursos que a civilização lhe pôs nos nados. Mas, por isso mesmo que a nossa terra natureza tropejada não se deixa domar sendo pe-



Alfonso Arinos, com o seu automóvel, durante um passeio em Paris

lo constante e inteligente esforço, tanto mais belo será o Brasil para o brasileiro quanto até certo ponto, para obra sua.

As dificuldades temperam a energia do nosso povo, e propõem unir com fervor as mais bravas seruças, os mais estreitos corações, como o irlandês ama as desertas geleiras percorridas somente pelo efor de malignos.

Por que seja, a terra pátria é sempre aquela à qual nos ligam, segundo o dizer do tribuno, tudo quanto nos tem precedido e tudo quanto nos vai suceder, a vida nos prende, os que nos deram o ser e os que nasceram de nós a imbatibilidade dos lúmidos e o estremecimento dos berços. E ela, para cada um, a sua província, a sua cidade, o seu arreio, o seu sítiozinho com a sua paisagem familiar, aquele trecho de solo, que fazia um sonho exilado chamar, expressivamente: "Antes querer morir em São Maria da Boca do Monte, que viver mal neste diabo de terra".

Não se renegam as cláusulas das antepassadas, "pulsis referim reprobabit".

Mas, além da pátria material e tangível, temos ainda a alma dela, o seu espírito viviente, a pátria moral, exímia, formada da história, da religião, da língua, das tradições, dos usos e costumes comuns.

E essa pátria moral que nos faz compreender e amar a pátria material.

Os antigos acreditavam no "genius loci". Os gregos procuravam de nubes os seus caminhos, os seus dons, as suas fontes, as suas praias.

Nós temos também as nossas verdades, os nossos arcos parlamentares, os nossos valões amenos, cercados de árvores que são só deles, meio, elegerado pelo custo da passarada, que só deles clama.

(REPLICA AO ESCRITOR PORTUGUES
JOSE OSORIO DE OLIVEIRA)

-- "ESSA COISA ESTAVEL,

Em "Brasília", e agora numa "separata", intitulada "O brasileirismo de Machado de Assis", o sr. José Osório de Oliveira — e um dos escritores novos de Portugal — me distinguu com algumas objecções à "Marcha para Oeste".

Euclides e Machado

Primeira indagação do leitor: que relação existe entre a tese de meu modesto ensaio e o brasileirismo de Machado de Assis?

Muito simples. No capítulo final da "Marcha para Oeste" (primeira edição) falei a propósito da mobilização dos intelectuais em função de "bandeirar", isto é, de criar mais Brasil e defendê-lo na sua cultura, nas suas fronteiras espirituais, no seu novo tipo de civilização. Citei, então, as duas atitudes da mentalidade brasileira: uma, preocupada com os problemas do nosso "hinterland"; outra, sofrendo a "hemiplégia do litoral". Euclides e Machado seriam os representantes típicos dessas duas tendências contrárias. Achei que a nova marcha para o Oeste — agora transposta para outro horizonte cultural — tinha que levar consigo, como roteiro, a obra do bravo escritor d'Os Sertões". Foi Euclides quem primeiro chamou a nossa atenção para as populações que vivem "bandeirando", lá dentro. Ao passo que Machado de Assis, o delicioso escritor de Capitá (olhos de ressaca) e da "confusão geral", e um escritor de elite, retrado, clássico, contaminado por um negativismo sorridente mas chuvinha miúda, que corre até a modulada e qualquer convicção a respeito dos valores da vida.

Negativismo próprio do literário. Com passagem por Dostoevsky, Shopenhauer e Sterne...

Creio que não estava eu dando novidade alguma, ainda apesar de documentando uma realidade, já aceita por todos.

Pois não foi Lúcio Miguel Pereira — justamente a pena que nos brindou com a mais penetrante biografia de Machado — quem deu a Euclides da Cunha o epíteto de "escritor bandeirante"?

São deitas estas palavras: "Euclides foi o desbravador dos sertões, o primeiro que ousou querer os moldes clássicos e falar do Brasil em brasileiro".

O caráter lusitano do bandeirismo

Vai dali o sr. José Osório de Oliveira e resolve discordar da meu humilde raciocínio brasileiro.

Para ele, Machado é que deve seguir na "Marcha". (Ainda se fosse um simples machado de fraguejar...) Nada mais natural que o bandeirante moderno (estou reproduzindo as suas palavras) levasse consigo a obra que o mais extraordinário prosador que a cultura portuguesa transportada para o Brasil produziu, até hoje. Justificando o seu alvitre, lembra César o precedente de umas estrofes dos "Lusitâos": terem figurado no testamento do bandeirante Pero de Araújo. De fato, em Camões, havia o simbolismo daquela "obra do acaso" a que se referiu Alejandra Machado: "um fragmento da epopeia dos Gamaes a servir de fecho ao inventário do bandeirante obscuro".

Portém, é necessário lembrar que a "obra do acaso" não prova (apesar de se haver dito que a descoberta do Brasil também foi obra do acaso) o caráter lusitano do bandeirismo. Não é não. O costume de bandeirar — segundo Ancheta, "já era indígena". Si um bandeirante lia Camões, nas horas vagas, não é menos certo que outro bandeirante lia Cervantes. Tanto assim que um volume das "Novelas exemplares" lá está, no rúi de outro inventário.

Aliás, o bandeirante falava muito mais tupi que português. O português (sirvo-me de um as questões da raça e da terra, ensinamento do sábio Teodoro Sampaio) só entrava depois, "com o progresso da administração". E a melhor prova está em que — como nos conta mestre Capistrano — bandeirante queria dizer "conhecedor d'lingua geral"...

Inteligência bandeirante

Afinal, o que pretendi acusar, em "Marcha para Oeste", é que hoje, como ontem, não é toda inteligência, por mais formosa que seja, que se pode chamar bandeirante.

Assim, procurei documentar a "especie" de inteligência de que era, ao tempo das bandeiras, dotada a gente do planalto e o grande papel que ela desempenhou na própria irrupção do fenômeno. Só homens "ricos de imaginação" — dizia eu — principalmente os mamelecos descendentes de espanhóis, poderiam eriar mitos (como o da Serra Dourada) e meter-se no mataré em busca das itabocas resplandecentes. Havia, a bem dizer, um tipo de inteligência (aquelle que se ligava mais à idéia de expansão) por estar sempre associada a elementos emocionais e motores) que colaborava na "ambição" (de ambié, no sentido de brigar, desejar ardente) dos cabos de tropa e de todo o seu séquito multicírculo das riquezas fabulosas: Desconhecendo os limites da comparação, da abstração e da experiência, a imaginação só se cintilava na fronteira do seu objetivo, que estava sempre além de uma realidade presente e imediata.

Não há de ter sido em vão que Anhanguera (por exemplo) confiava "mais na fantasia do que na memória" ao procurar a serra que viria em menino.

A nova marcha, em seu sentido cultural

Agora, as riquezas do oeste estão pedindo "novos bandeirantes, equipados de nova técnica".

Nesse retorno do Brasil a si mesmo haverá um lugar seguro para os valores intelectuais e culturais. Dada, portanto, ao bandeirismo a significação a que ele tem direito, vemos que há escritores que (naia mais lógico) não só pela sua indole, pela sua formação cultural, como também pelo gênero de estudos a que se dedicam, se classificam como bandeirantes, em contraposição aos que se poderiam classificar como europeus, cosmopolitas, literários, embora nascidos no Brasil. Que dizer, para citar dois ou três exemplos do passado, de um Couto de Magalhães, de um Barbosa Rodrigues, de um Afonso Arinos? Veja-se, no presente, o caso de um Roquette Pinto, que viajou pelo Brasil todo, que visitou a Serra do Norte e, com o material já recolhido, escreveu a sua esplêndida "Rondonia". A contribuição do próprio Rondon, do ponto de vista geográfico e etnográfico, quanta coisa revelou para o Brasil, para a nossa cultura. As bandeiras de hoje, assim, esse caráter de contribuição específica à cultura moderna. Correr que nunca faltou às tradicionais, às históricas, que descobriram o Brasil em suas origens, em seu "folklore", em suas paisagens nativas, em seus esconderijos quase bíblicos, nos caisfundos de sua geografia e da sua etnografia, no estudo das suas riquezas naturais, na sua geopolítica, não faltando, mesmo, uma expedição, no século XVIII, expressamente destinada à exploração científica de Tibagi.

Daí Euclides, em perfeita oposição a Machado de Assis,

E que diferença! A inteligência de Euclides vai perscrutar as questões da raça e da terra, a inteligência de Machado é aquela referida por Henry Massis: "soufre d'uma vacância abominável" em face dos problemas brasileiros.

Reserva e timidez

Não me parece exato, como pensa José Osório de Oliveira, que o público brasileiro seja "tão atento e levado" diante da obra do maravilhoso caísta de "Dom Casmurro". Esta obra é, em virtude de sua natureza — inacessível à média da compreensão popular. A minoria letrada é que a leu, com le Anatole ou Proust. Machado é um escritor de "elite". Para isso, sua arte, embora admirável, só por exagero poderia ser tida como fixadora da "maneira de ser" — já não direi dos brasileiros em geral mas dos mineiros e paulistas. Natural do vale do Paraíba e pertencendo, portanto, à região característica do Brasil onde — no entender de José Osório — melhor se explicaria a finura de Machado, e que posso melhor relvindicar, do meu leitor, a percepção necessária, natural, (autenticada por uma espécie de parentesco psico-social), para dizer que Machado naia possuir de brasileiro, psicologicamente enquadrado no ângulo sentimental e espiritual onde me conheci por gente. Aquela reserva, aquela timidez — que o distingue escritor português observa em mineiros e paulistas — são, antes, produtos culturais que as naturais transformações da sociedade justificam. Em São Paulo, o fenômeno é bem visível. Deixando, economicamente, a aristocracia cafeeira, britanicamente reservada e timida, em geral, as gerendas burguesas (sobretudo as de origem estrangeira) imprimem ao atuado "behaviour" bandeirante um sentido que até chamam de desabusado. A obra do expansionismo conquistador poderia explodir da reserva e da timidez? Ou seria produto da imaginação ardente, que explica aquela "ambição" capaz de todos as correrias conluiativas?

Não sei se José Osório conhece hoje o caso de uma cidade paulista que conserva, como uma reliquia histórica, o "rancho" onde Euclides escreveu "Os Sertões" — São José do Rio Pardo. Pois que melhor documentaria a preferência dos paulistas pela obra euclidesiana em oposição à machadeana?

O brasileirismo de Machado de Assis

Interessante. O escritor José Osório de Oliveira queria provar a mim — brasileiro — que Machado é brasileiro e não português...

Não quero, é claro, negar a Machado o que é de Cesar — o lugar que ele ocupa como modelo literário de sua época. O seu caráter universal, quem o contestará? O que Machado não fez, foi ser brasileiro — para ser universal. Não segui o exemplo de Camões que se tornou universal por ter sido português de quatro costados.

Havia eu dito que sei brasileiro em espírito e coisa muito mais séria do que se pensa, ao que retrucou o sr. José Osório, dizendo que não é tão fácil como se quer.

Ora, sempre é mais fácil a um brasileiro pensar e sentir brasileiramente inqué que o não queria, às vezes, do que a um português ilustre (por mais que o queira). A verdade é tão clara que eu não precisaria citar exemplos. Não fui, muito tempo, ainda, um escritor que exerce as funções de secretário da Educação numa das regiões mais "paulistas" do Brasil (o Rio

Grande do Sul) e mais espiritualmente desenvolvidas, negava-se a dar o nome de Machado de Assis a um simples grupo escolar, sob a alegação de que Machado de Assis não era um escritor brasileiro. Embora não esteja de acordo com a resolução (pois as crianças de um grupo escolar não sabem quem é Machado, que assim lhes dera de ser noivo), e tanto analisado teria recebido homenagem idêntica, quanto mais um dos maiores escritores do mundo não havia divulgado que havera mais verdade na opinião do secretário da educação do Rio G. do Sul do que na opinião do sr. José Osório de Oliveira.

É possível que o meu juízo sobre Machado de Assis não consiga contrariar "aquilo que o mais célebre historiador da literatura brasileira, José Verissimo, tão claramente viu".

Uma coisa, porém, é certa. É que o juízo de José Osório sobre José Verissimo pode ser vantajosamente contrariado pelo de um Ronald de Carvalho, quando diz:

"Verissimo, que possuía uma observação direta muito apreciável dos valores isolados, não tinha, entretanto, uma larga intuição dos problemas universais. Contentava-se com apon- tá-los de passagem; não entra-va por eles, roteava-os prudamente, sem sequer arriscar-se a um comentário mais penetrante. Ainda, "Paltava" uma certa mobilidade de inteligência, e aquela força de coesão interior necessária ao critico de idéias puras, no experimentador dos fenômenos sociológicos dos quais decorrem todas essas fenômenos artísticos, científicos e literários. Verissimo não auscultava as raízes in- timas da obra..."

Lembrar, enfim, que, num ensaio especializado, o critico batuano Eugénio Gómez demonstrou, definitivamente, o quanto Machado deve, como escritor, aos ingleses. Recorde-se, de passagem, que aquele capítulo só de reticências — de um famoso livro de Machado — é idêntico a outro, adotado por Sterne, segundo já se observou.

O Bras Cubas e "Os sertões"

Poderia eu dizer que Machado é esta, realmente, em condições de ser citado em testamentos... Ja não poderia dizer, contudo, que Machado representasse um modelo, ou uma simples indicação, no domínio das virtudes bandeirantes. O contrário, si, um escritor tipicamente anti-bandeirante é ele. A sua sutileza, o seu pessimismo jamais lhe dariam o impeto, a coragem para afrontar o desconhecido. O seu profundo desdém pelo sertão o impediria de se meter com gente rustic ou de falar tu. O seu desejo de não pagar a origem, o teria obstado, naturalmente, de se macular na companhia dasqueles "mamelecos de São Paulo", que queriam acabar com a inquisição a flexadas... A sua incrível covardia mental, burocrática, dada a fazer sonetos a Pedro II, coisa que prova bem a origem corteziana do soneto, seria incapaz, enfim, de compreender a heroísmo daqueles que, por desobediência às ordens da coroa, alargaram as nossas fronteiras territoriais. Tudo isso daria ao grande escritor de Eusébio e Jacob um caráter que o incompatibiliza para essa retomada do fio histórico, interrompido no século XIX.

Euclides metido numas botas de cano alto, chapéu quebrado à testa e gibão de algodão, é uma imagem que todos aceitam. E Machado de Assis? Não é preciso, entretanto, este divertimento à custa de hipóteses.

Bastará o confronto do "Bras Cubas" com "Os Sertões". Para se saber se a bandeira

A bandeira na formação social do Brasil

Alega José Osório de Oliveira, que pretendia explicar exclusivamente pela bandeira a formação social do Brasil.

Não é verdade. Causa-me estranheza, até, que um escritor de tamanha responsabilidade houvesse tocado o meu pensamento com essa desequívora para concluir — não de acordo com o que eu — mas à margem do que eu. Habituado a previsto por frei Vicente de Salvador... Eu não disse: só a bandeira. O próprio sub-Baba da obra demonstra que apenas aliou à "influência da bandeira na formação social e política do Brasil". Em certo capítulo falo mesmo das relações da bandeira com "outros grupos sociais da colônia" pondo "era" aliada a forma específica das relações do grupo planaltino com os do nordeste. Se há "outros grupos" é porque não fazem explicar só por um deles a formação social do Brasil. Naí teria ficado mal um exame mais detido da tese que sustentou, ao dividir a sociedade colonial em três grupos — de acordo com a mobilidade horizontal de todos: 1) o grupo estável, fixo, estatificado, pé de bala (como dica mestre Gilberto) localizado na área social da casa grande e senzala, onde havia pedra em grande quantidade para construir casas grandes. 2) a sociedade agrária do litoral, com a sua monocultura absorvente — uma minoria de brancos e escravos dominando patrões e poligamia, do alto das casas grandes de pedra, e caiadas, só os escravos criados na senzala, e os lavradores de partido, os engajados, moradores de rios de taipa e palha, vassalos das casas grandes em todo o rigor da expressão". Essas casas grandes (tudo isto são palavras de Gilberto Freyre) representam imenso poderio feudal. 3) A sociedade pastoril, com possibilidades de vida democrática, onde se ensalou aquela curiosa "democracia do couro", de que nos fala Capistrano, mas com o seu horror à vizinhança (Handelman) e deslocava para os sertões, o nordeste dos vaqueiros e dos currais. 3) A sociedade bandeirante, localizada no planalto, caracterizada por um processo de vida e por uma técnica de produção totalmente diversos, sem possibilidade de construir casas grandes, voltada ao fascínio de umas outras pedras, infinitamente minúsculas e difíceis — como as pedras verdes da fábrica — e em contacto permanente com o grupo aborigine, violento, rico de extremo mobilidade, capaz de andar mais depressa "do que todos os esquadrões do mundo", ou mais rapidamente a pé que cavalo galope (a observação é de frei Cardim). Aí nessa classificação engendrada para maior clareza do pensamento que pretendi, desenvolver, coloquei a bandeira na sociedade móvel, no grupo social que não era nômade nem fixa mas intermediária. Do livro todo, que é constituído de 2 volumes, com mais de trezentas páginas cada um, não consta, porém, uma só expressão, uma só palavra por onde se chegue ao juízo a que chegam os

Osorio de Oliveira, para dizer que exclui, em absoluto, qualquer outra contribuição que não fosse a da bandeira.

Mas vamos ao principal: acha José Osório que a bandeira, como simples agente de civilização, "não pode ser um elemento formativo de uma sociedade estável" que é uma sociedade".

Tal afirmação comporta problemas que não podem ser resolvidos assim, numa simples

Penada.

A "coisa estável" do sr. José Osorio

Para se saber se a bandeira

QUE É UMA SOCIEDADE"...

CASSIANO RICARDO

(Da Academia Brasileira de Letras)

jo, ou não, um "elemento formativo" dessa "coisa estável", preparamos indagar primeiramente: a) o que é essa coisa estável; b) como se forma ela; tanto é que num grupo humano quando começa a haver sociedade, e depois de haver sociedade, quando e que essa sociedade se torna uma coisa estável; c) para ser estável, que condições se exige a um grupo social; d) daí a estabilidade do abuído grupo social, se fleará ele impedido de se expandir, de alargar a sua área de cultura, de se transportar de um a outro ponto do território em função da conquista. O grupo social que se forma na casa grande terá vindo do penitúia; e, se porque outro grupo se afundou sentido a dentro terá perdido a sua vocação social?

Essa "coisa estável" só haverá quando português considerada, de modo a excluir o elemento indígena, "instabilidade", existente no Brasil a época da colonização, fazendo a "tabua rasa" os valores culturais com que esse elemento contribuiu, através da metropolitana, para a formação da nova sociedade?

A bandeira será, ou não, um fator social, presupondo uma organização social que lhe é de origem, ou constituindo, mesmo, o instrumento específico dessa organização para o seu reino de atividade económica? Como se terá formado a sociedade do interior do país, senão pela expansão dos grupos móveis que se deslocaram do litoral, entre os quais a bandeira?

Antes de tudo, parece que há um erro de lógica em sua afirmação. Talvez uma confusão entre sociedade e ordem social o tenha levado a falar numa "coisa estável", como se não houvesse sociedades "instáveis" e que é mais grave, como se as sociedades instáveis não fossem, vez, a origem das estáveis. Faltaria, ali, ao menos, preceção filológica... Que vem a ser "coisa" em língua portuguesa? Em língua brasileira "coisa" é tipo de substantivo indefinido, vago, pseudônimo de todas as ideias pouco claras... Assim, devemos nos: "Fulano, passe essa coisa daí". No caso, essa coisa, tanto pode ser um chapéu quanto um ensaio do sr. José Osório de Oliveira. E "estável"? Que pretende ele por "estável"? Será o caso da sociedade que se torna geograficamente, inacessível, a qualquer deslocação em sentido horizontal, com uma cultura fechada e estéril, sem possibilidade de se alastrar e de alargar a sua área de vida? Ou quererá o sr. Osório (aliado ao sr. José Osório e não ao sr. Miguel Osório) referir-se apenas às sociedades "estabilizadas"?

Quando a coisa começa a ficar "estável"

Se há família, diz Le Play, há sociedade. Mas há ainda o rian, que Osório não leva em consideração. No entanto, é este mais estável do que a família, pelo fato de que a família, embora desapareçam os membros da família, o clan continua a existir. Não é outra a observação de Robert Lowe: "L'unité clanique est non seulement plus vaste, mais aussi plus stable" (trad. de Metraux p. 280).

Pois a bandeira é, na ordem da complexidade, algumas coisas superiores ao clan e à família, — como adianta se verá.

Verdade é que Numelin cita Shirokogoroff (não se assuste o sr. José Osório) para quem as "migrações produzem, quase sempre, uma confusão nas instituições sociais". Mas obtempera: "a verdade, porém, é que essa ausência de alta disciplina social e política ou de fronteiras fixas não caracteriza apenas os povos primitivos, senão também os povos primitivos em geral. Verdade, também, é que mesmo estes povos não são des-

pídos completamente de organização social.

Os laços de "união, por exemplo (Westermack), existem até nos povos de língua cultura.

Ora, aos costumes, as empresas em comum (Vierkandt) "aparecem a se submeter e restarem gráves sur este baile". Em qualquer hipótese, não se pode "determinar s'il s'agit là" (a inconsistência da organização social como a causa da migração) d'um "condition ou au contraire d'une cause accentuée de leurs migrations".

Refere-se Numelin às migrações humanas em seu trabalho clássico. O caso da bandeira, contudo, embora às vezes confundido com "migração" ou "trashumância", é muito diverso. Não se trata de um grupo migratório (e sobre este ponto remeto o sr. Osório à 2ª edição do meu livro, vol. II, pag. 182); mas da própria sociedade que se desloca — cidade em si, ou se fosse, tiraria o prêmio de pessimo comportamento na escola de José Osório. O que há de estável, numa sociedade, não é o fato de estar lá metida numa casa grande, fazendo rafé ou deitada na rede; são, pois, os valores culturais, que acompanham a sociedade e lhe dão consistência, não lhe permitindo dissolver-se quando em contacto com outras formas sociais ou em luta com o meio físico e etnico em que, porventura, essa sociedade vai ter, em razão do seu objetivo. Sempre ouvi dizer que a propriedade imobiliária influía nos tipos de organização social (pois há quem explique a tendência aristocrática pelos valores imobiliários); o que ainda não ouvi dizer é que a propriedade imobiliária, latifundiária e escravocrata, é, em uma "condição" para que a sociedade exista. E preciso acabar, de vez, com o preconceito da estabilidade como sinônimo de imobilidade.

estanque da estabilidade física, com sangue de negro e óleo de baleia nos alicerces.

O prêmio da estabilidade

Há valores sociais que são estáveis, ninguém o nega — e são os que explicam, no domínio da antropologia cultural, a formação da própria sociedade. A sociedade, entretanto, não se caracteriza por ser uma "coisa estável" mas porque a sua estabilidade — tratase de não, de uma sociedade bandeirante ou litúrgica — se estrutura nesses "valores estáveis" que a acompanham para onde quer que ela se transporte. Se assim não fosse, o português sedentário teria, realmente, tirado o prêmio da estabilidade, num concurso de "caranguejar pela orla das praias", e a sociedade aborigene, ainda por excelência, ou não seria mais sociedade se ou se fosse, tiraria o prêmio de pessimo comportamento na escola de José Osório. O que há de estável, numa sociedade, não é o fato de estar lá metida numa casa grande, fazendo rafé ou deitada na rede; são, pois, os valores culturais, que acompanham a sociedade e lhe dão consistência, não lhe permitindo dissolver-se quando em contacto com outras formas sociais ou em luta com o meio físico e etnico em que, porventura, essa sociedade vai ter, em razão do seu objetivo. Sempre ouvi dizer que a propriedade imobiliária influía nos tipos de organização social (pois há quem explique a tendência aristocrática pelos valores imobiliários); o que ainda não ouvi dizer é que a propriedade imobiliária, latifundiária e escravocrata, é, em uma "condição" para que a sociedade exista. E preciso acabar, de vez, com o preconceito da estabilidade como sinônimo de imobilidade.

A bandeira e a casa grande

O que há são estágios culturais da sociedade e o sr. Osório de Oliveira toma a nuvem por Juno. A história das sociedades primitivas, em grande parte, ficaria excusada do seu conceito e isto nos demonstra o quanto esse conceito é falso. Como falso já seriam um conceito. Como falso é um conceito que a finalidade social sem lembra de que, num mesmo grupo humano é o nosso caso, "poderão coexistir todas as idéias do mundo social". A "sociedade bandeirante", por exemplo, se nutre dos processos culturais primitivos e, embora sem ser migratória, acarreta as migrações de povos toda vez que a luz do seu raciocínio, chegar a outra conclusão, pois a coisa estável, a que ele se refere, só existiu mesmo na área territorial das casas feitas de pedra e cal. Assim sendo, estabilidade social é sinônimo de estabilidade física dos membros da sociedade... Por isso, há uma sociedade de originação na casa grande, estável; não há sociedade bandeirante, porque o bandeirante não foi estável. A dinâmica social, a "cultural change", a "social mobility" de Sorokin não existem, para ele. Os fenômenos de migração territorial, de mudança de separação e de concentração de indivíduos, que constituem um admirável capítulo da sociologia moderna, não foram sique suspeitados pelo autor de tão estranha definição. Os processos dinâmicos na mobilidade social dos traços culturais e dos indivíduos são bobagens maravilhosas com as quais um Sorokin, um Pareto, um Lowe se divertiram, nas suas teorias. Segundo o meu brilhante adversário, para um grupo humano ser sociedade é preciso matricular-se primeiro na casa grande e, depois de alguns anos de sedentarismo agrícola, tirar patente de "coisa estável". Tendo muitas dúvidas a respeito dessas lógicas, para a qual a sociedade só existe quando enquadra no comportamento o fenômeno e específico e só que as casas grandes, é que cria-

um louco poderia confundir uma bandeira com uma tribo. Há momentos em que o planalto flea deserto "pois os moradores serem idos ao setor". A própria câmara passa meses e meses sem funcionar por haverem os seus membros tomado parte nessa ou naquela bandeira. Se assim é, a bandeira é a própria sociedade, que se desloca, multiplicando, unicamente, para a sua atividade constante e característica.

E como negar à bandeira o caráter social de que ela própria é a melhor representação, a geometria, a técnica de expressão coletiva, a marca de origem? Tão entrosada ficava ela com o sistema social do planalto que havia os "bandeirantes de retaguarda", aqueles que forneciam avanços (o padre Pompeu de Almeida não era o banqueiro do bandeirismo?) para as levas expedicionárias. A população — quando não lá para o sertão misterioso, ficava trabalhando em suas lavouras, preparando mantimentos para os que partiam e ligando o futuro da pequena sociedade planaltina ao éxito ou ao fracasso das banderias compostas das principais famílias e, portanto, socialmente solidárias com a organização econômica e política do altoína. Assim como a casa grande era o centro, a representação, o sistema de vida da sociedade do nordeste, a bandeira vinha a ser o instrumento, a representação e a técnica de outro sistema de vida, que era o do planalto.

A casa grande é o instrumento de uma sociedade "em repouso"; a bandeira é o instrumento de uma sociedade inquieta, vigilante.

A verdadeira "coisa estável"

Em síntese: ninguém nega a relação existente entre o nomadismo e a organização social. Portanto, ninguém nega que haja maior consistência social nas sociedades "estáveis". O elemento, porém, para se ajudar da estabilidade não é o nomadismo, nem o sedentarismo — que ambos podem coincidir com estágios de cultura inferiores e primitivos; isto é, com formas rudimentares de organização social. O elemento para se ajudar dessa estabilidade é afinal essa sociedade sem lembrar de que, num mesmo grupo humano é o nosso caso, "poderão coexistir todas as idéias do mundo social".

A "sociedade bandeirante", por exemplo, se nutre dos processos culturais primitivos e, embora sem ser migratória, acarreta as migrações de povos toda vez que a luz do seu raciocínio, chegar a outra conclusão, pois a "que há ouro na terra". Contudo, separamos as migrações dos povos primitivos uma causa (não se dirá uma condição) pode ser a falta de organização social, para a bandeira, que não se confunde com aquelas o que se dá é exatamente o contrário: o que a determina é a organização social existente no planalto e fundada, não na grande economia latifundiária, ou sedentária, mas num sistema de vida caracterizado pela pequena propriedade e pelo nenhum valor desta (um cativeiro valia mais do que uma casa, provavelmente inventários); o que lhe dá origem é a própria sociedade que, seduzida pelo fascínio dos mitos de ouro (o sol da Terra, o Botucavá, a montanha de ouro, o Ilaberabou — resplandecente) se desloca — com o seu sistema de vida e tudo, para as grandes jornadas continentais. Para essa formidável transmigração social, contribuirão, sem dúvida, certas qualidades "adquiridas ao selvagem", ao homem primitivo "migratório", às tribus nômades com as quais a sociedade bandeirante vive em franca camaradagem. Na sua capacidade de "regressão ao primitivo" muito bandeirante chega a ser chefe de tribo. Mas

também a sociedade brasileira, e ruralismo. Não foi tem razão que Demolins, quando escreveu "Comment la route crée le type social", disse: "la cause première et decisive de la diversité des peuples et des races est la route que a été suivie par les peuples. C'est la route qui a créé la race et le type social". Não é coisa que se possa — dia o representante da escola geográfica — julgar indiferentemente para um povo o caminho que ele seguiu. Inconscientemente e fatalmente esses caminhos fizem o das estepes asiáticas, o da Sibéria, o das savanas americanas, das florestas africanas, o tipo tartaro-mongol, os esquimais, os pele-vermehas, os negros. Na Europa, o tipo escandinavo, o anglo-saxão, o francês, o alemão, o grego, o italiano, o espanhol, são também o resultado dos caminhos pelos quais os seus ancestrais passaram antes do "habitat" atual. Modifique-se em desses caminhos (são palavras de Demolins) e estariam modificados o tipo social e a raça. Posto de parte o exagero desse determinismo, a verdade é que o nosso Capistrano já dizia: "a história da sociedade brasileira é a história dos seus caminhos". E o caminho do mar, também chamado o caminho do padre José, ou o "mais ilustrado dos velhos caminhos do Brasil", aquele caminho mais segregador do que aproximar, de que nos fala Paulo Prado, e um verdadeiro capítulo de nossa história social. Ora, a história da casa grande é a do horror aos caminhos... Leia-se, sobre isto, o "Engenheiro francês no Brasil".

No planalto, até fina do século XVIII, não havia pedras; mas havia estradas em todas as direções.

Pois no nordeste — quem o diz é Gilberto — nada havia, até 1834, que merecesse o nome de estrada (mas havia pedras a valer). O clamor da Vauthier, mostrando a necessidade de bons caminhos, resultava inútil, porque a "trada" viria a correr poderosamente para despréstigiar a economia privada, patriarcal e escravocrata. Aquelas engenhos feudais (p. 180) "os poucos seriam conquistados pelas estradas..."

E aqui cabe, agora, uma pequena pergunta elucidativa: como explicar Osório o seu argumento de que não foi o bandeirismo que criou o ruralismo? Se não foi o bandeirismo, que abriu os caminhos para o "interior", teria sido a sociedade estável do litoral que tinha horro ao as estradas?

O conceito dinâmico da sociedade

O pior é que Gilberto Freyre não pensa nem poderia pensar como o sr. José Osório.

Estudioso lucido dos problemas da antropologia cultural, Gilberto sabe que o conceito da sociedade é essencialmente dinâmico. E que é desse "dinamismo cultural" que se nutre a história. O que é, aliás, "Casa Grande & Senzala" senão uma honesta investigação no sentido de ser evidenciada a permanência, no estilo de vida cultural dos povos gerados pela economia escravocrata e latifundiária do Nordeste? Cultura, porém, não quer dizer outra coisa senão o complexo dos valores — usos, costumes, estilos de vida — gerados, em parte, pela subestrutura material da sociedade. Robert Lowe diria, ao tratar que todo ser humano possui uma herança social, que cultura (citando Tylor) compreende as aptidões e os hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade, em oposição a numerosos caracteres adquiridos diferentemente, em particular pela herança biológica. Nesse sentido, não é possível confundir "permanência histórica de valores culturais" com estabilidade.

(Continua na pág. seguinte)

“ESSA COISA ESTAVEL, QUE É UMA SOCIEDADE”...

(Réplica ao escritor português José Oliveira de Oliveira)

(Continuação da pág. anterior) de fisionomia, geográfica dos grupos sociais. Pode haver sociedade, no sentido antropológico, sem essa estabilidade geográfica. Um exemplo: a sociedade judaica, cujo nomadismo não alterou sua cultura, ao longo de milênios. E tanto que um sociólogo da autoridade de Sokolowsky chega a dizer que a sociedade judaica é um tipo perfeito e único do Estado. O “nomadismo” bandeirante foi um semeador de valores culturais, do mesmo modo que o foi a estabilidade patriarcal do senhor de engenho. Apenas este teve a seu favor uma espécie de auxílio oficial da cultura do colonizador. O bandeirante, que não foi um agente dessa cultura, pois o próprio sertão o deformava, logicamente, someu outros valores culturais. Valores talvez menos pachorrentamente lusos, por isso mais trabalhados pela terra — mesmo porque o costume de bandeirante já era indígena. Nem é exato que essa “instabilidade física” tenha sido tão rigorosa, como quer José Osório. A “marcha para oeste” demonstra, no chamado nomadismo bandeirante, a existência de nitidas constantes culturais. Tão nitidas e constantes como os valores considerados estavais da casa grande. Foram essas constantes culturais que informaram a história do planalto e, evidentemente, a história do Brasil — ao longo do tempo. Não é possível, aliás, falar, no tempo colonial, de uma sociedade, mas de grupos sociais. Foram os valores culturais criados por esses grupos, uns maliciosos, como os da casa grande, outros mais socialmente dinâmicos e ajustados à terra, como os bandeirantes, que trabalharam pela unidade nacional, que é o sentido vivo de nossa história. Se a História, como quer a escola antropológica, que Gilberto segue, é sobretudo um produto da cultura; se esta é consti- tuida de valores que são marcados sobre tudo pelo “dynamic cultural change” (Dixon, *Economicus and cultural change*, New York, 1938, Intr.) como é possível confundir esta “change” — processo social vivo — com a cadeira de balanço dos que acreditam em “coisa estavel”? O bandeirante foi, evidentemente, um excitador dessa “cultural change”, e bem mais interessante do que o senhor de engenho preocupado em soterrar negros nos alicerces da casa grande para se dar uma impressão de maior estabilidade. Não pode haver bandeirante sem a sociedade bandeirante, original, que Osório não procurou conhecer.

A contribuição lusa

Nessa sociedade, a cooperação lusa é inegável; mas o português, “pé de boi”, nutrido pelo leite de uma civilização estabilizada sobre base agrária, só cooperou em certo sentido, e talvez através de virtudes que, bem pensando, são mais negativas do que positivas, bandeirantemente consideradas. Terá sido, por exemplo, o seu idealismo sentimental que “temperou” a crueldade da conquista e de tal modo que o bandeirante foi o menos cruel dos conquistadores. Por certo, o espanhol colaborou muito mais, do ponto de vista psico-social. Com o seu “amor ao fabuloso”, com a sua “patética do único”, sente-se que o bandeirante é muito mais descendente do espanhol do que do português. E o uso do “quixotismo”, em oposição ao misticismo da alma lusa. O fenômeno bandeirante tem muito mais de mitológico do que de mítico. Osório cito o caso das estrofes lusitanas, no verso de um testamento bandeirante, para concluir que a bandeira é uma continuação da cultura portuguesa... Esqueceu-se de que as “Novelas exemplares” de Cervantes eram

a leitura predileta de outro futuro-malo renteiro. Não quero deter-me neste ponto, já suficientemente estudado em outro ensaio, “O bandeirismo e o elemento espanhol do planalto”, para o qual pediria a atenção do sr. José Osório. Friso apenas a circunstância — já notada por Vicente Lélio Cardoso — de todo a documentação referente ao fenômeno bandeirante constar do arquivo de Sevilha, pois os arquivos portugueses estão vastos dela, em tal sentido; o que confirma a observação de Taunay, registrando a “efusão notabilíssima” do sangue castelhano na sociedade bandeirante. De onde vieram os Anhanguera e os Camargos? E André de Zuniga, o companheiro do Pascual Moreira? E Martim Tencio de Aguiar, o da luta contra os cana-

Coisa estavel e coisa move

A “coisa estavel” do sr. Osório oponho, enfim, esta “coisa move” que é a sociedade bandeirante marchando para as fronteiras ocidentais — em sentido espacial — e vindos da família planaltina, com passagem pelo círculo sertanista, pela bandeira propriamente dita, até aos nossos dias, em marcha pelo tempo, como uma herança social cada vez mais intensa, no sentido pioneiro da civilização que retorna o fio histórico e vai tornar efetiva a posse das terras que pedem (no dizer de Normanno), bandeirantes equipados de nova técnica para as fecundar e incorporar ao ritmo social e econômico do país. Na sua origem, são claros os valores culturais e psico-sociais que a identificam, apurados na luta contra as tribus e postos à prova nas duras contingências, aliadas pelos documentos, daqueles instantes em que o chefe da bandeira “não tinha outra bússola senão o cérebro dos montes”, num outros guias senão o sol e as estrelas, nem outra água para lhes matar a sede “senão a que o céu e a seus próprios olhos vertiam”.

A mobilidade lhes trazia o relaxamento social e moral?

Ao contrário, a bandeira era uma escola áspera de coragem e de solidariedade social. Em luta constante, apuravam-se os vínculos de sua blindagem moral. Admirável estabilidade moral e de quem, em pleno sertão, dissolvido pelo mundo fantasmagórico do selvagem, não deixou vencer pelo infiúcio, só se deixando vencer pelo exterminio. Porem, mais admirável estabilidade a do grupo que não se deixou romper na enquadramento de suas tradições sociais mesmo em contacto com as facilidades morais que o sertão lhe autorizava ou que o céu lhe punha nas mãos. E — se o superlativo não assustar o sr. Osório — admirabilíssima a estabilidade do caráter bandeirante quando desafava a metrópole: “el rey pode perder a esperança de ser rei dos paulistas”; “as autoridades que vêm não mandam só cuidados de nos afrontar e esfoliar”; ou ainda: “os elementos de que se compõe minha bandeira não estão matrinxados nos livros de v. majestade!”

E isto não é fábul

Por todas as incompreensões que os bandeirantes têm sofrido (as quais se ajunta agora a de José Osório) é que tentem, embora sem brilho nem profundezas, subtrair-las à sua roupa-gem heróica e mitológica para simplificá-las com um pouco mais de ternura ou com um simples, rápido mergulho no quotidiano das ações praticadas pelo bom senso. Homens extra-lógicos era preciso trazê-los “chão curto da lógica”. Homens gigantescos, era preciso acomodá-los no piano em que os

heróis se tornam chefes de família, passeiam pela ruas, tomam o bonde, fazem compras, andam de automóvel, viajam de avião, vestem-se de acordo com os figurinos ingleses e dizem bobagens sobre a guerra. Homens fabulosos, “caminhando quatrocentas léguas sem nenhum estorvo”, era preciso trazê-los ao convívio de seus descendentes, que não caminham mais léguas sem se cansar; isto é, era preciso provar que eles não seriam fabulosos por terem sido criados pela imaginação de algum fabulista amável, mas — ao contrário — por não poderem ser comprendidos senão à custa dos “infernal mytha” de um Squire ou de um Saint-Hilaire. Pois não eram eles próprios que proveniam os escritores do futuro, quando diziam: nós vamos a pé o planalto de Piratininga ao Peru, e isto não é fábul?

“Perversão porfrística”

Neste ponto, estaria eu ainda obrigado a desmentir certos bandeirólogos que costumam tudo reduzir a uma questão de datas e roteiros. Mais do que isso, cabia-me uma outra iniciativa — a de defender o nosso passado heróico contra algumas historiadores para os quais não temos uma substância mitica — para explicar porque não temos uma poesia épica — e contra o maior vexo de algumas outras que, hoje em dia, chamam de perversão patriótica ao sentimento nacional que se move diante dos construtos da nossa silhueta geográfica e americana. Eram canibais aqueles vultos de legenda? Para vencer o sertão, a fera o espanhol, o português (que ficou com caranguejando e dizendo que era crime a entrada) o paiguá, caneiro, o guaiacurá, cavaleiro e o cajá carniceiro, tinham eles, que se matricularam nas escolas dos pacifistas anglo-saxões, ou na das gigantes que nasceram da ferida de Omannos ou cairam sob a duriad de Roland? Só uma inversão de lógica a serviço de maus sentimentos poderia responder pela primeira hipótese. Para vencer o “sertão” mais inviável do mundo” parece que as liras de adornar monstros teriam que falhar. Subir o rio de cinquenta cachoeiras, dar com os costados no outro lado do continente, ir parar nas cabecelhas do Tocantins e do Grão Pará, debarcar os bárbaros do Recôncavo, combater os piratas e invasores do nosso território, morrer de inanição (roendo um sabugo de milho ou chorando para beber a água que os seus próprios olhos vertiam) retornar ao bárbaro para poder mergulhar no espetáculo cósmico, caminhar guiado apenas pelas estrelas e pelo cérebro dos montes — tudo isto sem recursos técnicos de nenhuma espécie — parece que não são coisas que se pratiquem em branca navem. Anhanguera “não tinha, para vencer a serra dos Martírios, o anel de Fafner”. Raposo não possuía, para atravessar o continente a pé, o fio de ouro de Ariana. Borba Gato não sonhava siqueir que, na mitologia grega, ou nas histórias para crianças, ou mesmo na matalotagem de Fawcett, poderia existir uma “plantá mágica” que conduz os aventureiros no lugar sofrido. Paschoal Moreira, quando sustentava as suas batalhas fluviais contra os palguás, os terríveis “vagabundos da água” ou vibrava e remexia o sertão “nunca trilhado por gente alguma desde o dilúvio universal”, não suspeitava que, passados três séculos, o explo-

rador inglês se perderia na selva atrás de uma tribo de olhos azuis. E o que é mais sério — nenhum desses heróis cismava, no menos, com um voo de avião para vencer distâncias ou com um trem de ferro que o levasse à Bolívia. Um deles pulou os jesuítas. E’ verdade; mas outro deles não os reconheceu no planalto? Outro deles caiu no indio. E’ verdade; mas ainda muitos outros trouxeram o indio, amorosamente, pelo caminho da paz. Pois não é este o caso de Fernão Dias Páis — o conquistador pacífico do Tombo, do Gravatal e do Sonda? O ciclo da caça ao bugre (alega-se) desfaz a tática dos que faziam um ou mais da troupa casar com as filhas dos caíques. Não é exato: nem o bandeirante se resume no céu da caça ao indio, nem a caça ao indio foi expediente de que só houvessem lançado mão os bandeirantes. Os espanhóis caram mais: a conquista do Peru e a do México que o digam. E enquanto o Pizarro empregava a sua cavalaria contra os indigenas, os indigenas é que empregavam a sua cavalaria contra os bandeirantes, na conquista do oeste.

O tabu da cosa grande

O sr. José Osório de Oliveira faz da estabilidade patriarcal uma tabu e tudo quer explicar da casa grande. Para ele (velho costume) a bandeira é estavel e pronta; não pode ter influído na formação da sociedade brasileira. Esegue-se de que a bandeira era a própria sociedade em marcha para o “hinterland”. No mínimo, se é o instrumento, a técnica de expressão de uma sociedade, como a do planalto, criada bandeirantemente, em virtude de sua atividade econômica, “constante e específica” — visto como as outras atividades, a da criação, a da lavoura, sendo-lhe acessórios, a bem dizer, sejam condições para a principal: a policultura, porque explicava os homens bem nutritos que compunham essa sociedade; e a pequena propriedade — o pequeno compromisso à ideia de valor imobiliário e imobilizante — porque explica a facilidade

de movimento de que o bandeirante precisava para as suas grandes “performances” horizontais. Quando nada disto ocorresse, o bandeirante atraía caminhos em todas as direções, mobilizava valores culturais e constituía um tipo social, o desbravador, que até hoje existe, e que não poderá ter deixado de influir poderosamente na formação social do Brasil, pois escreveu um dos seus mais belos capítulos — o do ruralismo.

A sociedade bandeirante não existiu como continua a existir, pois é a que se encontra, ainda hoje, nas “zonas planificadas” de Monbela. Como negar, a existência de uma sociedade bandeirante? O próprio Gilberto não a negou; no contrário, admitiu-a como existente até mesmo em torno das minas... Se restringirmos a área da casa grande a formação social do Brasil, três quartos da sociedade brasileira ficariam sem explicação, a começar pela sociedade agro-pastoril do nordeste. A sociedade tipo casa grande é, pois, um triste de nossas paisagens sociais.

Não é possível, portanto — como quer José Osório de Oliveira — explicar só por ela a formação de toda a sociedade brasileira.

O mundo que o bandeirante criou

A mandar socar negras na alicerce das paredes da casa grande, para que esta se tornasse mais estavel, preferiu o bandeirante aproveitar o indio na sua especialização psicológica para o movimento, tornando o tupi o seu comparsa, o co-autor do bandeirantismo — de que já havia sido o precursor quando descerda os arroxas bolivianos à conquista do “país das palmeiras” ou da “terra onde não se morria”.

Por que?

Para que todas as consequências de sua portentosa marcha se resumissem no chão que nos mandava, todas as noites, seu “abracço de estrelas”. O Brasil tripulado na sua grandeza territorial: éis o mundo que o bandeirante criou.

PROCURA DA AMADA PERDIDA

Onde encontrá-la, agora, no silêncio e na perdição desta noite?

Ela disse-me que viria, para caminharmos sob as estrelas, até à região das lagunas encantadas. Mas há muito a esperar e não a encontro nunca.

Onde hei-de procurá-la?

Não ousarei seguir para aquele lado, de onde ouço vir um sussurro dolente: é o lado do cemitério. Ali repousam os mortos, e as únicas figuras que vemos são figuras fantásticas, que apenas falam de amarguras e de pavor.

Sigamos, então, pelo outro lado: talvez a descubramos quando correr ao nosso encontro o cão mágico, quando os trens pararem na encruzilhada silenciosa, quando descer do céu aquela noite tremenda, a mais escura das noites, a noite em que vão desaparecer todos os caminhos, a noite em que não haverá no céu a luz de uma única estrela, para nos guiar na escalada daquela terrível e prodigiosa torre, que sabemos que vamos achar.

MUCIO LÉAO

A VIDA, O AMOR E A MORTE

(A primeira "Elegia de Duino" — Artigo e tradução de Rainer Maria Rilke) — Vinicius de Moraes

Rainer Maria Rilke foi para mim o sér mais poético que já nasceu de uma mulher. Ninguém como ele viveu tanto em Poesia, abandonando-se mais fundamental — naufrago irremediável à óriva de suas águas onde o esperava a grandeza de sua consciência.

Nunca vida humana fechou-se tão misticamente sobre uma mística. Rilke passou como aquele "nôyé pensif" a descer os "azuis verdes" do céu e dos rios que a visão de Rimbaud contundiu no seu célebre poema. Rilke viveu em transe poético constante, amargurando seu espírito contra todos os temas da Vida, do Amor e da Morte, que piedosamente amou como um único ser.

Sua simplicidade como poeta nasce dessa longa tortura lírica de ver a morte como um amadurecimento da vida, numa total compensação. Rilke acreditava que a morte nasce com o homem, que ele a traz em si tal uma semente que brota, faz-se árvore, floresce e frutifica ou se despoja do seu alburio humano. Seus poemas maiores vencem lentamente todos esses "graus do terrível", num crescimento espontâneo, para a grande florada de onde penderão os melhores frutos, desejosos da renovação na terra.

Em 1910 Rilke terminava os seus famosos "Cadernos de Molte Laurids Brügge", onde continha, com uma beleza raras vezes alcançada em prosa, a história elegiaca da destruição de um ser votado à fatalidade irremediável da magia. Porque é magia, mais que angústia, a que colhemos desta narrativa, a magia do malentendido humano, o solilóquio desolador do homem desajustado à vida. A qualidade do sofrimento que lhe vem dessa torturante criação como lhe atina mais a sensibilidade já de si tão aguçada para todos os susseus da Poesia. O poeta pena como penou um momento o Cristo, da coexistência íntima da divindade e da certeza, enquanto vagava, enfraquecido de doença, pelos lugares que mais ama na Europa, Paris, a Rússia, os países escandinavos, intermitentemente.

Em fins de 1911, instado pelos principes de Teur e Taxis, Rilke vai passar sozinho o inverno no Castelo de Duino. Um belo dia de janeiro, passeando às bordas de um penhasco, sobre o Adriático, conta-se, trouxe-lhe o vento o mistério de uma voz onde distinguia dizerem: "Quem, se eu gritasse, me ouviria em meio às ordens das anjos?" Erigido, e ao mesmo tempo atônito com o milagre dessas palavras que lhe surgiam como a própria poesia desejada, o poeta as anotou, e, nessa mesma tarde, escrevia o primeiro grande encadamento desse bloco sinfônico que chamou de "Elegias de Duino". Tão temperados se achavam nele todos os motivos da obra em perspectiva que em poucos dias escrevia a segunda da série e o princípio de todas as outras. Mas o impulso cessou. Por dez anos Rilke calou-se, à espera de que, nele, as palavras encontrassem seu lugar no grande "puzzle" poético que se desencaudeava. Em Paris, na Espanha e em Munich acrescentou fragmentos, a algumas, sofrendo terrivelmente da descontinuidade com que a poesia se revelava. E não seria senão depois da primeira grande guerra, no seu refúgio da Suíça, em Muzot, que, num sopro de criação poucas vezes igualado, só comparável talvez a certos instantes de música na vida de Beethoven, escreveria em três semanas os oito elegias restantes, os cinquenta e cinco "Sonetos a Orfeu" e vários outros poemas a que chomou "Fragmentarish". Fara o último esboço de vida nesse eterno, sereno moribundo. A morte, sua amiga, desobjetivava-o poucos anos depois, como "um rio que leva". Rilke recusou o médico: "queria morrer a sua morte".

Em verdade, só mesmo o amor que devoto à imagem do poeta e a importância que sua obra teve para mim deram-me coragem e astúcia para tentar essa tradução. Recebi mais do que poderia dizer dessa "Primeira Elegia", dessa primeira verso, do profundo, impenetrável obscuridão que a infiltra toda. Confesso não compreendê-la intelegentemente, nem o quereria. Conheço todas as interpretações publicadas, tentei eu próprio a minha interpretação, mas nada disso acrescentou nada à inexplicável sensação que a sua primeira leitura deixou em mim. Pode-se dizer, de um modo vago, que nela residem, em potência, todos os temas essenciais do movimento que se prolonga através das nove seguintes: as idéias da unidade da vida e da morte; de que a morte é uma consumação da vida; o sentimento da beleza dos que morrem jovens, quando a morte se realiza

ainda imatura; e os princípios de sua poética em repetição, que irão se desenvolvendo e solucionando progressivamente, quase sempre numa constante de lamentações e louvores, à maneira de "adágios" e "prestos", às vezes como vozes que se harmonizam. Absurdo explicar. É preciso sentir.

Não sei alemão. Li as "Elegies de Duino" em tradução francesa e inglesa; francesa, de Lou André Salomé, J. F. Angeloz e Maurice Betz, esse sem dúvida o melhor tradutor de Rilke, e em inglês, de E. V. Sackville West. O que me fortificou a idéia de traduzir a "Primeira" foi, não apenas a semelhança dos textos nessas traduções, o que é óbvio, mas o prestígio verbal da poesia, que se conservava em todas elas, mesmo na de Angeloz que é francamente ruim, árido, sem nenhuma liberdade, como vim a verificar mais tarde, de compreensão do texto alemão que me foi fornecido pelo senso poético de Gertrude Bühler e Sergio Buarque de Holanda, esses amigos que, com uma paciência admirável, perderam cada um uma noite comigo, verificando o sentido exato de cada palavra do alemão e me ajudando a ajustá-las na tradução que espontaneamente fiz, no Inglaterra, e quase de cor, devo dizer, com a leitura das "plaquettes" de L. A. Salomé e Angeloz. Quero também agradecer a Alceu Amoroso Lima o seu excelente conselho em relação a duas ou três passagens obscuras e a presença com que me confiou o precioso e raro volume em alemão das "Gesammelte Werke", onde se encontra a Elegia. Tenho a certeza de estar levando ao público do Brasil qualquer coisa de instantâneo e eterno em Poesia.

A PRIMEIRA ELEGIA

Quem, se eu gritasse, me ouviria em meio às [ordenações dos anjos? e mesmo se um deles, de repente, me chamassem ao seu coração: eu me apagaria [face à sua

presença mais forte. Porque o belo nado é, senão o começo do terrível, que estamos apenadas [suportando

e se assim admiramos, é que impassível, desdenha de nos destruir. Todo anjo é terrível. Hei-de reter-me pois, e hei-de conter em mim o opelo de um triste soluço. Ah, a quem então nos é dado recorrer? Nem os anjos, nem os [homens,

e os animais sagazes, já descontam por instinto que não nos podemos sentir em intimidade no mundo interpretado. Resta-nos talvez uma árvore qualquer a rever cada dia, sobre a encosta; resta-nos a estrada de ontem e fidelidade infantil a algum costume

que em nós se aprofunda e assim ficou e não partiu Oh, e a noite, a noite, quando o vento cheio de [ruído do mundo, nos consome a face —, para quem não seria a [desejada

um suave desencanto, que ante o coração sozinho se ergue penosamente. E' ela mais amável aos [amantes?

Ah, esses só fazem se enganar mutuamente a [própria sorte,

Não o sabes, ainda? Lança o vaso de teus braços aos espaços respiráveis; talvez que os pássaros Sintam num vôo mais íntimo o ar mais amplo.

* *

Sim, quiseram-te os primaveras; muitas estrelas viveram para que as descobrisses. Do passado cresceu a onda; ou bem ao cruzares uma janela aberta, um violino se entregou a ti. [Tudo isso era missão.

Mas lhe estiveste à altura? Não andaste sempre [perdido

à espera, como se tudo te anunciasse uma visão amada? (E onde a queres abrigar, agora que grandes e estranhos pensamentos veem e vão em ti e às vezes se deixam, à noite). Mas se sentes saudade, canta os amantes; bem

da plena imortalidade está seu decantado sentimento.

Canta, a esses abandonados que quase invejam [e que

te parecem tão melhores que os aquietados. [Recomeça sempre a tua inacessível louvação;

pensa: o herói persiste, o próprio fim foi nele um pretexto para ser: seu derradeiro nascimento. Mas aos amantes, retoma-los ainda a natureza esgotada, como se as forças que os realizaram não se pudessem reproduzir. Já pensaste bem em [Gasparo Stampa

essa amante, em cujo exemplo excitado se [encontra

toda a jovem que o amado abandonou: se eu [fosse como ela? essas penas mais antigas, enfim, não deveriam ser fecundas para nós? Não é chegado o tempo

[amadas como vibra a flecha ao deixar a corda para ultrapassar-se na tensão do impeto. Porque não há repouso em [nada.

* * *

Vozes, vozes! Ouve, meu coração, como só os [santos

ouviram: eles, que o apelo imenso ergueu do chão; e eles, sobre-humanos prosseguiram ajoelhados, sem atender a nado: pois era como ouviam. Não que tu pudesses [sustentar

a voz de Deus, nem de longe... Mas ouve o [sopro, a incessante mensagem que nasce do silêncio.

Agora, daqueles que jovens morreram, sob um [murmúrio aos teus ouvidos. Não importa onde entresses, nas igrejas

de Roma e de Nápoles, não te falou, sereno, o [seu destino?

Ou uma inscrição se impunha, majestosa, como há pouco, naquela lousa em Santa Maria [Formosa.

Que me querem eles? Delicadamente preciso desfazer a impressão de erro que muitas [vezes perturba um pouco o movimento puro de suas [almas.

* * *

Bem certo deve ser estronho não habitar mais a [terra,

não recorrer mais a hábitos apenas adquiridos, não mais dar às rosas e às promessas de outras [coisas

a significação de um futuro humano; estranha não se ser mais o que se foi no infinito [cuidado

das mãos, e abandonar até o próprio nome como um pobre brinquedo jogado. Estranho não mais desejar desejos. Estranho ver tudo o que foi logo, no espaço flutuar desfeito. Coisa difícil é estar morto e cheia de ressurreições, pois que há sempre para [nós

um prenúncio de eternidade. — Mas os vivos cometem, todos, o erro de tudo distinguir. Os anjos (diz-se) muitas vezes ignoram se ca-

[minham entre os vivos ou os mortos. O eterno rio carrega sempre através os dois reinos todos os [ídolos e em ambos a que domina é a sua voz.

* * *

Afinal eles não precisam de nós, os cedros trans- [portados, suavemente nos libertamos das coisas terrenas

[como o ser se desapega do seio materno. Mas nós que [precisamos de tão grandes segredos, dos quais, em luto

nascem tantas vezes vitórias tão abençoadas: [podemos ocasião viver sem eles?

E' vã a lenda de que outrora, lamentando Lino a primeira música ouviu penetrar a estrela rígida da matéria inerte; e que então, no espaço em

[sobressalto que um adolescente quase divino, de súbito deixou para sempre, o vazio penetrou naquelas ondulações que são para nós arrebatadoras [mento e consolo e socorro.

O "INTERMEZZO",

53

Rodrigo Octavio

Os homens com crueldade
Me tem causado aflição...
Alguns, por muita amizade,
Outros, por muita aversão.

Duplicaram minha idade,
Envelheceram-me o pão...
Alguns, por muita amizade,
Outros, por muita aversão...
Mas essa é a sua saudade
Me atormenta o coração,
Nunca me teve amizade,
Nunca me teve aversão...

54

Arthur Acredo

Nas tuas faces, criança,
Reside o cálido estio,
E encontrou o inverno frio
No teu peito habitatio.
Um dia haverá mudança,
Meu anjo formoso e ternio
Terás nas faces o inverno
E o estio no coração.

55

Gonçalves Crespo

No momento do *adens* sucede que os amantes
Se abraçam, a chorar, com vozes soluçantes.
Fazem, e força partir, a mão prende-se à mão,
E uma infinida tristeza inunda o coração.

Para nós, men amor, nessa hora de agonia
Não houve o prazer que as almas exulta;
Foi grave o nosso adeus e frio, e só agora
E que a dor nos subijga, e a Angústia nos devora

56

Gonçalves Crespo

Ria, tornando clá em torno à mesa,
Da sucedade a flor:
E no campo de estéticas opostas
Disentia-se o amor.

Este cliché repre-
senta a página
de fundo da pla-
quette de H. Kau-
nick sobre H. Hei-
ne, intitulada —
"De infinitas gran-
des dores, ou feço
esses pequenos pre-
mios".



"O amor deve ser etéreo e puro".

O conselheiro diz,

Sorrindo, a conselheira um aí abaiá

Com gestos de iniciaiz.

Diz o conde: "O amor destrói, mas quando

Sensual já se vê!"

A donzela pergunta ingenuamente:

"Reverência, por que?"

A condessa intonava em voz dolente:

"O amor é uma paixão"

E fangunda uma chavona alegrece

Ao pálido leitão.

Era vago um lugar em torno à mesa;

Era o teu, minha flor!

Tu, só tu, poderias, se o quisesse,

Dizer o que era o amor!

57

Francízica Julia da Silva

Meus cantos, cujo tren

Minh'alma escuta amargurada e triste,

O espírito de Carlos de Laet — Joaquim Ribeiro EFEMERIDES DA ACADEMIA

Entre os grandes humanistas
dos últimos tempos, entre nós,
Carlos de Laet, foi, sem dúvida,
um dos espíritos mais para-
doxais.

Vernaculista, amigo das clá-
sicos, erudito e profundo, não
era, todavia, uma inteligência
empoçoada pelos alfarrobas e
preferiu penar agil da impren-
sa dos tratados e in-fólios.

Religioso até a medula, cató-
lico convicto e militante, não
possuia a serenidade dos mis-
ticos e em vez de homilias ama-
va as discussões, os debates, as
polêmicas.

Monarquista, adepto fervoroso
do prestígio do "poder mo-
derador" e da disciplina autori-
taria, usava, no mais alto grau
da liberdade de pensamento, de
que sempre foi cioso.

Creio que eram estas as no-
tas paroxysmicas de seu espírito
privilegiado e excepcional. Do-
sava à vernacularidade de sua lin-
guagem com algumas tonalida-
des do linguajar mordendo, con-
tingente e algo popularesco.

Conciliava a austerdade de seus
princípios religiosos com o sal-
por vezes, picarecos de suas po-
lêmicas virulentas. E contraba-
lancava o seu autoritarismo
doutrinário com a prática libe-
rataria da crítica e da oposição.

E esse perfil, sob todos os as-
pectos, interessantíssimo, que
Antônio J. Chediak, um dos mais
primorosos estilistas da nova
geração e um dos mais compe-
tentes filólogos moços do Brasil,
acaba de tracar, parcialmente,
na primeira parte de seu estudo
"Carlos de Laet, o polemista".

Não é propriamente uma bio-
grafia de Laet, mas é, sem dú-
vida, uma reconstituição da era
intelectual em que o grande e
inesquecível mestre viveu.

Tudo nesse livro, admiravel-
mente bem escrito, retrata o di-
namismo da imprensa de outro-
ra, menos grave, e mais diver-

nem sempre foi obedecido e se-
guido.

Tudo isso despertou nele um
perpetuo "irredentismo", chave
perfeitamente explicável de sua
ironia ferina e de sua verve sar-
cástica.

Creio ser esta a origem do que
Chediak chama "espírito na-
valhento" de Laet.

Ao lado de tudo isso, havia,
porém, no bom cristão do "Mi-
crocosmo" a humana virtude do
igualitarismo suave do meigo
Jesus.

Fui aluno de Carlos de Laet
no tradicional Colégio de Pedro
II e posso trazer o meu depoimen-
to. Laet já então era velhinho.
Velho e simples. Tratava

todos, ali, na casarão da rua
Larga, com melgueice e bondade.
E nas aulas de português, che-
gava-nos com anedotas gos-
tosas, que somente ele sabia con-
tar. De todos os meus professores
de português, daí do Pedro
II, José Olímpio, Júlio Nogueira
e Carlos de Laet, este último
foi, sem dúvida, o que mais con-
quistaria a popularidade da tur-
ma. Olímpio era temível, mas,
inegavelmente, foi o meu me-
lhor professor na matéria. O
Júlio era bom, mas o Laet era
adorado por todos.

Laet e meu pai, mestre João
Ribeiro degladiaram-se pela im-
prensa, mas se estimavam mu-
tuamente.

Mais de uma vez ouvi do Laet,
em aula, o elogio de meu pro-
genitor. E isso me alegrou mu-
to, pois, de inicio, diziam-me
que o Laet, por ser inimigo de
meu pai, iria me reprender...

Desse velho professor guardo
boa e inesquecível lembrança.
Conheci-o de perto e pude apre-
ciar o seu lado sereno e bom,
bem diverso das virulências das

polêmistas. E com ele, o quadro
mais movimentado, que até hoje
se escreveu, sobre geração jor-
nalística de 1876-1895, época em
que Laet discutiu com Castro
Lopes, Camilo, Valentim Maga-
lhães, Arthur Azevedo, Lameira
de Andrade, Ruy Barbosa, João
Ribeiro, etc.

Esse estudo apreciável e digno
de aplauso são apenas primícias
de suas contribuições.

Chediak é um "laetiano" de

São rejeitados de letal veneno;
De outra forma não pode ser, querida,
Porque tu espargiste
Sobre a modesta flor da minha vida
O orvalho do veneno.

Meus cantos, cujo tren
Qualquer sorriso em lágrimas transforma.
São rejeitados de letal veneno;
Não pode ser, entanto, de outra forma,
Porque, em meio das coisas mais singelas
Que teho na alma, agitam-se, freneticamente,
Implavaveis serpentes...
E tu, formosa amante, és uma delas!

58
Gonçalves Crespo

Chorei; sonhava e era contigo, estavas.
Morta num cemitério, fria, fria...
E, ao despertar, senti que o pranto, em lávias,
De meus causados olhos escoria.

Chorei; sonhava e era contigo, rosa;
Havias-me, sem dô, abandonado;
E, ao despertar da noite tormentosa,
Tinha o rosto de lágrimas banhado.

Chorei; sonhava, e era contigo, ô linda!
Dizias-me a sorrir, "como eu te adoro!"
Desperto, e logo numa angústia infunda,
Eis-me a chorar de novo e ainda chorar.

59
Návia da Silveira

Ganhando o alto da montanha, logo
Se me dirimiu um trono um vago ambiente
Saudoso e enternecido, intimamente
"Se fosse uma ave" penso e me interrogou

Ali voava junto a ti, criança amada,
Se acaso eu fosse uma andorinha, e certo
Entretocava o ninho meu bem querido
Da ogiva em que te luz a madrugada.

Se fosse um rouxinol, presto voava
Do seu solar aos bosques circunstantes,
E da sombra das tília frondejantes,
Minhas canções à noite te enviava.

16 DE JUNHO

1846 — Nascimento de Ramiz Galvão.

18 DE JUNHO

1937 — Falecimento de Laudelino Freire.

19 DE JUNHO

1924 — Em sessão pública, Graça Aranha pronuncia na famosa conferência sobre "O Espírito Moderno".

21 DE JUNHO

1839 — Nascimento de Machado de Assis.

1861 — Nascimento de Graça Aranha.

1929 — Inauguração do monumento a Machado de Assis, diante da Academia.

23 DE JUNHO

1921 — Falecimento de Paulo Barreto.

24 DE JUNHO

1829 — Nascimento de Joaquim Manuel de Macedo.

1855 — Falecimento de Junqueiro Freire.

1860 — Nascimento de Jólio Ribeiro.

26 DE JUNHO

1825 — Nascimento de Francisco Otaviano.

1913 — Sessão solene para a posse de Osvaldo Cruz, que foi recebido pelo sr. Afrânio Peixoto.

1933 — Falecimento de Rocha Pombo.

1934 — Sessão solene para a posse do sr. Pereira da Silva, que foi sanduído pelo sr. Adelmar Tavares.

27 DE JUNHO

1848 — Nascimento de Araripé Junior.

1889 — Falecimento de Tobias Barreto.

1907 — Eleição de Arthur Orlando.

28 DE JUNHO

1922 — Sessão pública em homenagem a Alberto de Oliveira.

29 DE JUNHO

Curioso é notar que o velho

de Antonio J. Chediak se assemelha ao do notável escritor

na riqueza vocabular e no uso

nele da frase, sempre elegante

e hástica.

Explicando a sua predileção

pelo saudoso escritor paulista,

escreve Chediak que "the apia-

assaz viver entre cadáveres".

Nesse ponto, o jovem comentado

rêsto está enganado. Laet não é

um cadáver. Está vivo. E a per-

va maior de sua vitalidade

recebeu de um talento noco e

ardente, como Chediak, a maior

e homenagem que um espírito su-

perior pode desejar.

Esta, já o disse Machado, é a

glória que lhe. E' a verdadeira

imortalidade.

DE H. HEINE

E se um canário — desses que interdizem
Os mais gárgulos plectros e os mais vântos,
Estes vencendo, suplantando aquelas,
Dirão ir-te-ia ao coração, pois dizes
Que tu, criança, adoras os canários
E te alegras, ouvindo o canto deles.

60

Rodrigo Octávio

Lento, cortava a minha carruagem
O campo em flor e a murmurar floresta
Que ao concerto dos passaros, selvagem,
Tinha uns arcos de festa.

Da minha amada em mística procura,
Soltando, extravagante o meu desejo,
Cantado na estrada em teírica medida,
Três fantasmas em vejo...

Nunca densa infernal tomava-me a frente,
Molar de mina sotântos parecem...
Mas, suíto, num giro, dovidamente
Vão e desaparecem.

61

Gonçalves Crespo

Somhei de novo suspirava o vento
Das árvores sob a eucaliptos odorante;
E como outrora ouvia o juramento
Do teu autor constante.

Quem protestos de amor nesse momento!
Mas a febre dos beijos que me deseja,
Corre para gravar seu juramento
Em meus dedos mordelos!

Deus do riso alegre, ó meu tormento!
Dias de olhos azuis, ó minha amada!
Ja tu testava o doce juramento,
Foi de mais a dentada!

62

Alcides Flávio

Todas as noites vejo-te em meu sonho;
Abre-te os olhos um sorriso ternos.
E logo, — soluçando, —
A teus pés adorados me prostrando,

Frias meu rosto, mas com que ar tristonho!
Mores a cabeçinha em gesto brando,
De compassão... Por suas faces descem
Unhas cílicas piclesas de pranto.

Sigas que baixou a tua voz me fala,
As que entregares râmo que entretecem
Cardílias rosas...
Se deserto, enquanto
Que eu possa ser das rosas que me deseja,
Tal não sucede à frase que disseste...
Bem procuro olvidá-la!

63

Pedro Rabello

Ruge o vento outonal, brame a chuva, e mais vento,
Mais à atra noite aumenta o horror...
Cada, em meio a esta chuva e a esta desgraça tormenta,
Onde estará meu pobre amor?
Vejo a porta no balcão da alta alcova... Sosinha,
Sosinha, timida, a chorar,
E na treva profunda e na noite daninha
Mergulha o lacrimoso olhar...

64

Fagundes Varela

Sinistro como um fônebre segredo
Passa o vento do Norte murmurando
Nos densos pinheiros;
A noite é fria e triste; solitário
Atravesso a cavallo a selva escura
Entre sombras fatais.
A medida que avanco, os pensamentos
Inundam-me no cérebro, ferventes,
Como as ondas do mar,
E me arrastam consigo, alucinado,
A casa da formosa criatura
Do meu doido cismar.

Latem os cães; as portas se franqueiam
Rangendo sobre os quincos: os criados
Acodem pressurosos;
Sube ligeiro a longa escadaria
Fazendo retinir nimbos esporas
Sobre os degraus lustrosos

No seu vasto salão iluminado,
Serenamente reposando o seio
Entre sedas e flores,
Toda de branco, engrinaldada a fronte,
Ela me espera a linda soberana
De meus santos amores.

Corm a seus braços trémulo, incendiado
De febre e de paixão... A noite é negra,
Ruge o vento no mato;
Os pinheiros se inclinam murmurando:
— Onde vai este pobre cavaleiro
Com seu sonho insensato?

65

Moralhaes de Aceredo

Lá, da sua morada cintilante,
Vem caindo uma estrela: é a estrela do amor.
Das iniciais também cainem a todo o instante
Flores e folhas de nevada cor,
Que os ventos escarnhos
Arrastam, a brincar, pelos caminhos,

Canta no lago o cisme; e ora as margens procura,
Ora se vai das margens afastando;
Canta; e cada vez mais a terra voz baixando,
Mergulha em sua aquosa sepultura.

Ao derredor, sombrio e calmo é tudo;
Flores e flores vejo, arrastadas alem,
Sumirem-se também
Vejo a estrela cadente
Sumir-se tristemente;
E o cântico do cisme agora é mudo...

66

Lucindo Filho

Em sonho fui transportada
A um gigantesco castelo
Com magia iluminado;
Era todo grande e belo.

Uma multidão variada
Pelas vastas aposentos
Se espalhava; angustiada
Entre gritos e lamentos,

Procurava esparadra
Num redemoinho intenso
Onde a porta da saída
Naquele deslizamento intenso.

Entre aquela turba-multa
De damas e cavalheiros
Um grande número avulta;
E eu vi-me entre os derradeiros.

Subitamente no entanto,
Fiquei só, sem que eu sentira.
Essa gente por que encanta
Tão de pronto se sumira.

E pôs-me a andar como um doido
Através de tantas salas
Que se seguiam de modo
Que eu não podia contá-las.

Pesavam-me os pés, de feito
Ser de chumbo em os jugava;
Mortal angústia no peito
Meu coração apertava.

Cansado, tendo a esperança
Quase de todo perdida,
Depois de muita provaria
Dei com a porta da saída.

Ja transpô-la; que vejo?
Quem m'intercepta a passagem?
Quem se opõe ao meu desejo?
E de minha amada a imagem.

Ela, sim, que à porta em via
Onde se tinha postado,
A dor nos lábios se lia
E no rosto agro cuidado.

Quis recuar, porém ela
Fez-me com a mão um aceno,
Eu não sabia se a bela
Com seu aspecto sereno

Dava-me um prudente aviso,
Ou se me exprejava a caso;
Mas nos seus olhos diviso
Fogo suave em que me abraço.

E o coração agitou-se,
Ao fitar-me ela insistente,
Com ar severo, mas doce,
Tão cheio de amor ardente:

O meu sonho evaporou-se,
E eu acordei de repente.

67

Francisca Julia da Silva

A noite é muda e triste. O espaço é triste e mudo.
E caminhando eu vou pela floresta espessa,
Rompendo a cerração.
As ramagens abalo, as árvores sacudão;
E elas movem de leve a rórida cabeça,
Num ar de compaixão.

68

Francisca Julia da Silva

Floresta afora, alem, no encontro das estradas,
Suicidas, sem descanço.
Agitam-se no horror das covas profanadas.
Perto uma flor azul desabrocha de manu:
Dão-lhe o nome de flor das almas condenadas.

Certa vez, eu lá fui. A noite estava fria;
O espaço mudo estava.
A beira de uma cova a flor azul tremia;
E entre nuvens de crepe a lua, que passava,
Jorravam-na-lhe em torno a sua luz sombria.

69

Rodrigo Octávio

Num turbilhão de espessas trevas
Guia agota os meus passos vacilantes,
Desde que para mim tu não elevas
Teu doce olhar, como elevavas dantes.

No céu do meu amor já não esplende
A estrela dalva, luminosa e terna...
Sob os meus pes como que o chão se fende;
Recebe-me em teu seio, ó sombra eterna!

EPÍLOGO

Quero enterrar estas canções magnificas,
Tristes sumos de nimbos ilusões;
Vinha um esquife, pois, de não sonhadas,
Enormes dimensões.

Pretendo enchi-lo de tal modo estranho,
Que ao próprio peso de pesado vergue,
Conquistar o queira grande e do tamanho
Do telor de Heidelbergue.

Preciso em suma um férreto impossível,
De dimensão tão vasta e tão extensa;
Que excede ao comprimento inexcedível
Da ponte de Mayençá.

Venham doze gigantes, tais e em tudo
Tão grandes, que se aponque de pequeno
São Cristovão o Hércules meninudo
De Colônia do Rheno.

Peguem agora esse caixão estranho
E queiram-no, gigantes, atirar
Ao mar, que para férreto tasmano
Só um túmulo — o mar!

E sabeis porque assim tão desmarcados
Cova e caixão sonhei na minha dor?
— Porque neles sepulto, desgraçados!
O meu imenso amor!

Fontoura Xavier

A colaboração de Filobiblion

Achado n. 7

Nos primeiros dias de janeiro de 1810 chegou ao Brasil o Barão de Eschwege, oficial do real corpo de engenheiros de Portugal e depois um dos mais notáveis exploradores das riquezas mineralógicas brasileiras, autor do célebre "Plata Brasiensis." Aqui chegando, o ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho deu-lhe logo ocupação, encarregando-o de examinar na comarca da Ilha Grande as minas de ferro, que era para ali existirem. Em companhia de dois mineiros alemães, Eschwege seguiu para a Ilha Grande a 13 de janeiro daquele mesmo ano de 1810. Explorou todo o distrito, que percorreu de norte a sul e de leste a oeste; mas os seus exames não resultaram de prático ou de útil para a economia da colônia, simplesmente pela inexistência ali do que procurava.

Em Angra dos Reis, durante suas excursões, Eschwege trouxe conhecimento com João Manso Pereira, que qualificou de muito muito instruído, que apenas aos próprios estudos devia os conhecimentos que tinha de mineralogia. Para ele, Manso fazia exceção a muitos portugueses que, chegados a um certo ponto da ciência, não iam mais longe, e, não obstante, tinham de si próprios um grande conceito; esse, ao contrário, apesar de sua idade, continuava a estudar, aspirava progredir e buscava as ocasiões para aprender alguma coisa de novo. Era para lamentar — escreveu Eschwege — que o governo não o tivesse empregado convenientemente, por exemplo como professor de mineralogia; era verdade que lhe jorravam confiadas algumas comissões, tais como a de examinar o ferro de Soreca, o enzofre e o salitre em Minas Gerais, mas, para ser bem sucedido nesses empregos, Manso não tinha bastantes conhecimentos práticos, e havia de juntar necessariamente. (Vera Voyage de Rio de Janeiro au Comarca d'Ilha Grande, fait en 1810, in Nouvelles Annales des Voyages, tome XX (1823), págs. 289-328).

Esse João Manso Pereira, que mereceu elogios de Eschwege, tão poupad em concedê-los a portugueses e brasileiros, foi um dos sócios da Sociedade Literária, fundada no Rio de Janeiro em 1785 e dissolvida em 1794 pelo feroz Conde de Rezende, que mandou devassar a respeito de seus membros, sob a acusação de adotarem as idéias da revolução francesa; mas foi logo julgado inocente e escapou da dura prisão que sofreram Silveira Alvarenga, os médicos Jacinto e Vicente Gomes, o futuro Marquês de Maricá e outros. Era então professor de gramática no Rio de Janeiro, e por essa época escreveu a Memória sobre o método económico de transportar para Portugal a Aguardente do Brasil com grande proveito dos fabricantes e comerciantes, apresentada e oferecida a Sua Alteza Real, o Príncipe do Brasil, Nosso Senhor, por João Manso Pereira, professor emérito de Gramática no Rio de Janeiro, e atualmente empregado por S. Majestade em exames minerais, etc., na Capitania de São Paulo, etc. (Lisboa), Na Oficina de Simão Tadeu Pereira, 1798, in-8, de 22 pp. + 6 com a dedicatória.

"Habil químico e metalúrgico, intitula-o uma carta régia de 19 de agosto de 1799, que o mandou a São Paulo, com 800\$000 de ordenado e 800 réis de ajuda de custo. Em 1818 era penteador de D. João VI.

IMAGEM

ILUSTRAÇÃO DE OSVALDO GOELDI



UMA COUSA BRANCA
EIS O MEU DESEJO

UMA COUSA BRANCA
DE CARNE, DE LUZ

TALVEZ UMA PEDRA
TALVEZ UMA TESTA

UMA COUSA BRANCA
DOCE E PROFUNDA

NESTA NOITE FUNDA
FRIA E SEM DEUS.

UMA COUSA BRANCA
EIS O MEU DESEJO

QUE EU QUERO BEIJAR
QUE EU QUERO ABRAÇAR.

UMA COUSA BRANCA
PARA EU ME ENCOSTAR

E AFUNDAR O ROSTO.
TALVEZ UM SEIO

TALVEZ UM VENTRE
TALVEZ UM BRAÇO

PARA EU REPOUSAR.
EIS O MEU DESEJO

UMA COUSA BRANCA
BEM JUNTO DE MIM

PARA EU A SENTIR
PARA EU ME ESQUECER

NESTA NOITE FUNDA
FRIA E SEM DEUS.

DANTE MILANO